

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

MARIANA PACHECO MORAES NASCIMENTO

O ADOLESCER NA RELIGIOSIDADE DAS FAMÍLIAS PASTORAIS

São Leopoldo

2025

MARIANA PACHECO MORAES NASCIMENTO

O ADOLESCER NA RELIGIOSIDADE DAS FAMÍLIAS PASTORAIS

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia, Religião
e Linguagens
Linha de Pesquisa: Teologia e Práxis
Religiosa

Pessoa Orientadora: Laude Erandi Brandenburg

São Leopoldo

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N244a Nascimento, Mariana Pacheco Moraes

O adolescer na religiosidade das famílias pastorais /
Mariana Pacheco Moraes Nascimento; orientador Laude
Erandi Brandenburg. – São Leopoldo : EST/PPG, 2025.
76 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa
de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,
2025.

1. Cônjuges de pastores. 2. Religiosidade. 3. Filhos de
sacerdotes. I. Brandenburg, Laude Erandi, orientador. II.
Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

MARIANA PACHECO MORAES NASCIMENTO

O ADOLESCER NA RELIGIOSIDADE DAS FAMÍLIAS PASTORAIS

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia, Religião e
Linguagens

Data de Aprovação: 10 de março de 2025

PROFª. DRª. LAUDE ERANDI BRANDENBURG (PRESIDENTE)
Assinado digitalmente

PROF. DR. CHARLES KLEMZ (EST)
Assinado digitalmente

PROFª. DRª. VANESSA RAQUEL MEIRA (UNASP)
Docente visitante

Assinado
digitalmente por:
Laude Erandi
Brandenburg
X509.548.850.XX
Date: 12/03/2025
14:00:00 -03:00



Assinado
digitalmente por:
Charles Klemz
X509.387.166.XX
Date: 12/03/2025
17:58:57 -03:00



Ao meu esposo, Homero, minha escolha acertada, melhor companheiro e a melhor parte de mim. Ao meu filho, Ícaro, que ainda não chegou e já fez uma reviravolta maravilhosa em nossa vida. E à minha mãe, Tânia Maria, minha referência hoje e sempre.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação é concluída com um sentimento genuíno de gratidão a todos que me apoiaram ao longo desses dois anos. Em especial, gostaria de expressar meu reconhecimento:

Ao Doador e Mantenedor da vida, que realiza meus sonhos muito antes de eu sequer imaginá-los.

Ao meu esposo, Homero, pela companhia no mestrado que fez a jornada ser muito mais significativa. Pelo apoio nos estudos, no trabalho e nas demandas de casa.

À minha mãe, Tânia Maria, por todo o esforço em sempre nos dar o melhor possível. Seu cuidado comigo e com o Homero facilitou o processo.

Aos adolescentes que dedicaram seu tempo a esta pesquisa, e aos seus responsáveis, pelo suporte e autorização concedidos.

Ao meu psicólogo, Paulo Aguirra, pelo apoio nos momentos difíceis e por me ajudar a não desistir.

À minha amiga, Águida, por sua disposição em ler e contribuir com este trabalho, mesmo antes de sua conclusão.

À Faculdades EST, pela acolhida e apoio durante esta jornada acadêmica.

Ao CNPq, pelo auxílio recebido durante o período do mestrado.

À minha orientadora, Laude Brandenburg, que acreditou no projeto e me incentivou.

Aos professores da banca examinadora, pela atenção que dedicaram ao meu trabalho.

A minha família e amigos, pela paciência, apoio e incentivo.

Meu muito obrigada!

RESUMO

As famílias pastorais não estão isentas dos problemas e dificuldades atuais da sociedade. Adolescentes dessas famílias enfrentam pressões únicas, especialmente quando são considerados como uma extensão do trabalho pastoral. O ambiente eclesial exerce um impacto significativo no desenvolvimento pessoal e religioso desses adolescentes e dessas adolescentes. As expectativas elevadas afetam a percepção de si mesmos e sua religiosidade. Apesar de ainda necessitarem do auxílio familiar, a adolescência, enquanto fase de busca e construção de identidade, é marcada por momentos de distanciamento ou reafirmação daquilo que já era estabelecido. Nesse contexto, a vivência prática e autêntica da religiosidade torna-se fundamental para que ela seja significativa para esses adolescentes e essas adolescentes. A família e a igreja desempenham papéis fundamentais no auxílio a esse processo, ajudando-os e ajudando-as a se desenvolver de maneira saudável e a cultivar uma visão positiva sobre a religiosidade. O objetivo geral desta pesquisa é explorar as intersecções entre adolescência, religiosidade e o contexto eclesial na experiência de filhos e filhas de pastores. Para atingir esse objetivo, a pesquisa se baseia em uma revisão bibliográfica que aborda conceitos e temas pertinentes, além de uma pesquisa de campo realizada por meio de entrevistas qualitativas, com o intuito de enriquecer a investigação por meio das experiências de adolescentes que vivem essa realidade. O primeiro capítulo aborda o tema da adolescência, o segundo trata da religiosidade, e o terceiro explora as vivências nas famílias pastorais. Os resultados obtidos evidenciam que, embora a família seja a principal fonte de apoio religioso, existem nuances individuais e contextos variados que moldam as experiências espirituais desses adolescentes e dessas adolescentes. Embora haja uma vivência comum em alguns aspectos, as respostas das pessoas entrevistadas revelaram uma diversidade de experiências, destacando a importância de considerar as particularidades de cada indivíduo, que não podem ser ignoradas.

Palavras-chave: Família Pastoral, Filhos de Pastores, Adolescência, Religiosidade.

ABSTRACT

Pastoral families are not exempt from the current challenges and difficulties of society. Adolescents from these families face unique pressures, especially when they are considered an extension of the pastoral work. The ecclesiastical environment has a significant impact on the personal and religious development of these adolescents. High expectations affect their perception of themselves and their religiosity. Although they still need family support, adolescence, as a phase of searching for and building identity, is marked by moments of distancing themselves from or reaffirming what was already established. In this context, the practical and authentic experience of religiosity becomes essential for it to be meaningful for these adolescents. The family and the church play fundamental roles in assisting in this process, helping them to develop in a healthy way and to cultivate a positive view of religiosity. The overall objective of this research is to explore the intersections between adolescence, religiosity and the ecclesiastical context in the experience of sons and daughters of pastors. To achieve this goal, the research is based on a bibliographic review that addresses pertinent concepts and themes, in addition to field research conducted through qualitative interviews, with the aim of enriching the investigation through the experiences of adolescents who live this reality. The first chapter addresses the theme of adolescence, the second deals with religiosity, and the third explores the experiences in pastoral families. The results obtained show that, although the family is the main source of religious support, there are individual nuances and varied contexts that shape the spiritual experiences of these adolescents. Although there is a common experience in some aspects, the responses of the people interviewed revealed a diversity of experiences, highlighting the importance of considering the particularities of each individual, which cannot be ignored.

Keywords: Pastoral Family, Children of Pastors, Adolescence, Religiosity

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 CAMINHOS DA PESQUISA: O ADOLESCER NAS FAMÍLIAS PASTORAIS.....	13
2.1 ADOLESCÊNCIA EM PERSPECTIVA.....	13
2.2 MÉTODO.....	16
2.2.1 Participantes.....	17
2.2.2 Procedimentos.....	18
2.3 PRINCIPAIS DESAFIOS DO ADOLESCER.....	20
3 RELIGIOSIDADE.....	33
3.1 CONCEITUANDO E DIFERENCIANDO RELIGIOSIDADE.....	33
3.2 DESENVOLVIMENTO RELIGIOSO.....	34
3.3 PERCEPÇÃO DAS PESSOAS PARTICIPANTES.....	45
4 FAMÍLIAS PASTORAIS.....	50
4.1 O TRABALHO PASTORAL.....	50
4.2 FAMÍLIA PASTORAL.....	52
4.3 FILHOS E FILHAS DE PASTORES.....	57
4.4 PERCEPÇÃO DAS PESSOAS ENTREVISTADAS.....	62
5 CONCLUSÃO.....	69
REFERÊNCIAS.....	72
ANEXOS.....	77

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é a sequência e o resultado da infância, uma fase cheia de sonhos, fantasias e desejos de mudança, mas também de falta de experiência e necessidade de atenção.¹ Etapa de transformações físicas, emocionais e comportamentais, variando conforme a cultura e o contexto. Essas mudanças não são meramente consequências das alterações biológicas, mas refletem as demandas desencadeadas pelas contradições e conflitos da sociedade². Como psicóloga clínica, esposa de pastor e mãe de um filho de pastor, percebo que descendentes de pastores não escapam das experiências típicas da adolescência, frequentemente somadas a pressões adicionais e expectativas muitas vezes inalcançáveis.

Nas famílias pastorais, a religiosidade desempenha um papel significativo também durante a adolescência, sendo intensificada devido às fortes influências dos aspectos religiosos. Essa religiosidade reflete em atitudes e ações, podendo oferecer apoio emocional e senso de propósito, embora também seja comum ocorrerem crises religiosas nesse período. Pessoas adolescentes dessas famílias enfrentam pressões extras, ao serem vistas como uma extensão do trabalho pastoral. Enquanto algumas abraçam essa missão, outras questionam a falta de escolha nessa trajetória. As particularidades das famílias pastorais incluem mudanças frequentes de localidade e expectativas elevadas por parte da comunidade. É comum que algumas pessoas, descendentes de pastores, se revoltam quanto aos valores da família e ao fato de serem continuamente observadas.³

As famílias pastorais têm uma dinâmica específica, pois se desgastam com a miscelânea de emoções que envolvem o trabalho pastoral. É possível que, em um mesmo final de semana, o pastor faça um sepultamento, traga a palavra para a congregação, batize alguém, visite um enfermo e faça um casamento, e em todas

¹ CRESTANI, Irmão Alfredo. **Adolescência**: tentando compreender o que é difícil entender. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

² CAMPOS, Geison Fernando Vendramini de Araújo. **Adolescência**: de que crise estamos falando?. 2006. 178 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

³ RANGINHA, Carmen Silvia Vasques. **Compreendendo os significados das expectativas familiares para jovens filhos de pastores da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. Monografia de Especialização em Terapia Familiar e de Casal: Intervenções Sistêmicas em Diferentes Contextos: Psicoterapia e Orientação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. p. 9.

essas circunstâncias é esperado do ministro um semblante sereno. Muitas vezes, a longa jornada de trabalho não se restringe ao próprio indivíduo, comumente toda a família acompanha os afazeres.⁴ A sobrecarga de expectativas pode levar as pessoas da família pastoral a perceberem suas próprias necessidades como obstáculos a serem superados, tendo potencial de afetar adversamente sua saúde física e mental.⁵ Quando as crianças chegam na adolescência, começam a demonstrar quais são suas áreas de interesse de atuação na igreja e passam a não querer acompanhar os seus genitores em todas as situações.

O termo religiosidade se refere ao aspecto individual da religião, incluindo como a pessoa vive sua fé no cotidiano, como interage com Deus e realiza suas práticas religiosas.⁶ É a maneira como alguém vivencia sua crença, tanto individualmente quanto coletivamente, englobando aspectos morais e de fé.⁷ Investigar a religiosidade das pessoas adolescentes de famílias pastorais requer compreender como elas vivenciam e expressam sua fé.

Considerando as principais mudanças que ocorrem nos filhos e nas filhas de pastores e pastoras durante a adolescência em relação às suas crenças religiosas, surgem diversas questões: O que significa adolecer? Quais são os principais impactos da adolescência no desenvolvimento humano? A religiosidade na adolescência é diferente da infantil e adulta? A religiosidade e adolescência de filhos e filhas de pastores e pastoras é diferente dos demais adolescentes? Todas estas perguntas culminam na final: De que modo as intersecções entre a adolescência, a religiosidade e o contexto eclesiástico moldam a experiência de vida de filhos e filhas de pastores e pastoras?

Visando responder este problema, o objetivo geral desta pesquisa é explorar as intersecções entre adolescência, religiosidade e o contexto eclesiástico na

⁴ RANGINHA, 2015.

⁵ NAKANO, Érika Feltrin Marques. **Burnout, representação social e discurso do sujeito coletivo em pastoras e pastores**. 2017. 80 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002844769>. Acesso em: 20 jan. 2025.

⁶ ZANGARI, Wellington; MACHADO, Fátima Regina. **Fundamentos da psicologia da religião: aspectos individuais e psicossociais** - Coleção: Fundamentos de Psicologia Social. Curitiba: Editora CRV, 2023.

⁷ KOING, 2012 apud PUNTEL, Clairton; ADAM, Júlio César. Mindfulness e Espiritualidade como Estratégica de Enfrentamento em Situações de Crise. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 61, n. 1, p. 239–255, 2021. p. 249.

experiência de filhos e filhas de pastores e pastoras. Para tal, será necessário alcançar os seguintes objetivos específicos:

- Analisar como adolescentes das famílias pastorais avaliam suas práticas religiosas;
- Ponderar se os filhos e as filhas de pastores e pastoras enxergam desafios e privilégios de pertencer à família pastoral;
- Investigar quem são as maiores influências na religiosidade dos descendentes de pastores e pastoras.

Devido às diversas peculiaridades das famílias pastorais, este estudo poderá contribuir para uma compreensão mais enraizada quanto à dinâmica dessas famílias. Visando explorar as intersecções entre adolescência, religiosidade e o contexto eclesial na experiência de filhos e filhas de pastores, a pesquisa acontece através de uma revisão bibliográfica que conceitua e aborda temas relacionados. Além disso, foi realizada uma entrevista sob viés da abordagem qualitativa, visando enriquecer a pesquisa com experiências de pessoas que estão na fase da adolescência e são filhos e filhas de pastores.

O primeiro capítulo explora a adolescência a partir de diferentes perspectivas, evidenciando a ausência de consenso sobre o início e o fim dessa fase. Também é feita uma breve abordagem histórica que ressalta quando ocorreu a distinção desta etapa no desenvolvimento humano. Também são apresentados o método, os participantes e os procedimentos adotados na pesquisa, seguidos da discussão das percepções obtidas das pessoas entrevistadas, articuladas com o referencial teórico utilizado.

No segundo capítulo, o foco é a religiosidade dos e das adolescentes das famílias pastorais. É feito um acordo teórico do que essa pesquisa quer dizer quanto à religiosidade e explora o desenvolvimento religioso. O capítulo é finalizado com a apresentação das percepções e experiências das pessoas participantes da entrevista.

O último capítulo tem o foco na dinâmica das famílias pastorais. Primeiramente, é apresentado um pouco sobre a função do pastor, posteriormente sobre a realidade das famílias pastorais e, logo após, é apresentado o que a literatura já traz sobre a realidade de filhos e filhas de pastores. O capítulo também é finalizado

com a percepção dos e das participantes da pesquisa sobre sua própria experiência na família pastoral.

2 CAMINHOS DA PESQUISA: O ADOLESCER NAS FAMÍLIAS PASTORAIS

Não há primavera florida e exuberante sem ser antecedida por um inverno que exige providências e cuidados.⁸

A adolescência é uma época de grandes transformações que impactam a pessoa, a família e a comunidade. Como parte do desenvolvimento humano, ela é a continuação e o resultado do que foi a infância, uma fase cheia de potencialidades, criatividade, coragem e interações sociais. Nesse sentido, este capítulo tem como objetivo explorar a adolescência a partir de diferentes perspectivas, evidenciando a ausência de consenso sobre o início e o fim dessa fase. Será feita uma breve abordagem histórica que ressalta quando ocorreu a distinção dessa etapa no desenvolvimento humano. Também serão apresentados o método, as participantes e os procedimentos adotados na pesquisa, seguidos da discussão das percepções obtidas das pessoas entrevistadas, articuladas com o referencial teórico utilizado.

Hayes afirma que grande parte do sofrimento humano envolve querer o positivo sem o negativo, mas isso não é possível⁹. Para que a pessoa adolescente seja exploradora e criativa, precisará também correr alguns riscos. Para construir novos relacionamentos íntimos, precisará questionar a família e correr o risco da rejeição. Para conhecer o sucesso, precisará arriscar o fracasso. Para se desenvolver de maneira saudável, precisará do apoio familiar e da certeza de que sempre terá para onde voltar.

2.1 ADOLESCÊNCIA EM PERSPECTIVA

Adolescer é o ato de entrar na adolescência, palavra sinônima de crescer. O conceito de existir um período biopsicossocial que separa a infância da vida adulta é recente na sociedade e ainda não existe consenso sobre quando inicia e termina essa etapa. A Organização Mundial da Saúde considera a adolescência como a segunda

⁸ CRESTANI, 2016, p. 187.

⁹ HAYES, Louise L.; CIARROCHI, Joseph. **The Thriving Adolescent**. California: Context Press, 2015. p. 23.

década da vida, ou seja, dos 10 anos aos 19 anos,¹⁰ já o Estatuto da Criança e do Adolescente categoriza dos 12 anos aos 18 anos¹¹. Alguns neurocientistas consideram dos 12 aos 24 anos, associando a adolescência com alterações no desenvolvimento do cérebro¹², e outras importantes instituições também divergem quanto a isso, como a Sociedade Americana de Medicina Adolescente e Fundação MacArthur¹³. Em geral, o início da adolescência está associado à puberdade e seu fim, na cultura, atrelado à integração social e profissional na comunidade adulta.¹⁴ A puberdade é um conceito referente ao desenvolvimento do cérebro com atuação nos hormônios do organismo humano, resultando em diversas mudanças físicas que alteram o corpo conforme o sexo biológico.¹⁵ Já a adolescência pode ser interpretada e construída pela própria pessoa, funcionando como um fato social cujas marcas são entendidas conforme a sociedade na qual a pessoa adolescente está inserida.¹⁶ Uma clara diferença no Brasil está entre adolescentes da zona urbana, que tendem a ter o período de transição da infância para a vida adulta maior do que adolescentes da área rural, visto que estes e estas já visualizam a vida adulta logo após o término do ensino médio.¹⁷ Para entender a pessoa adolescente, é fundamental considerar o contexto social e cultural que a envolve, uma vez que suas peculiaridades emergem de vivências pessoais únicas, moldadas pelas circunstâncias de um momento específico.¹⁸ Com isso, algumas pessoas preferem falar em “adolescências”,

¹⁰ BRASIL. Ministério da Saúde. **Marco legal**: saúde, um direito de adolescentes. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007.

¹¹ BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/julho/trinta-e-um-anos-do-estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-confira-as-novas-aco-es-para-fortalecer-o-eca/ECA2021>. Acesso em: 20 jan. 2025.

¹² SIEGEL, Daniel. **Cérebro do Adolescente**: O grande potencial, a coragem e a criatividade da mente dos 12 aos 24 anos. São Paulo: NVersos, 2021.

¹³ OUTEIRAL, José; MOURA, Luiza; DOS SANTOS, Stela Marys Vieira. (Orgs). **Adultecer**: a dor e o prazer de tornar-se adulto. Rio de Janeiro: Revinter, 2008. p. 6.

¹⁴ SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. Adolescência através dos séculos. **Psicologia**: Teoria e Pesquisa, v. 26, p. 227-234, 2010.

¹⁵ NOGUEIRA, Kliciane da Silva Oliveira. **A escrita e o adolescer**: sobre o infamiliar na obra “a vida mentirosa dos adultos” de Elena Ferrante. 2023. 80 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2023. p. 124.

¹⁶ LÍRIO, Luciano de Carvalho. A construção histórica da adolescência. In: **Anais do Congresso Internacional das Faculdades EST**, 2012. p. 1675-1688. p. 78.

¹⁷ MARTINS, Priscilla de Oliveira; TRINDADE, Zeidi Araújo; ALMEIDA, Ângela Maria de Oliveira. O ter e o ser: representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural. **Psicologia**: Reflexão e crítica, Porto Alegre, v. 16, p. 555-568, 2003.

¹⁸ MACEDO, Rosa Maria Stefanini de; MACEDO, Teresinha Elisete Coiahy Rocha de (org.), **Convivendo com a adolescência nos dias atuais**. Curitiba: CRV, 2021. p. 73.

destacando que não existe uma forma única de vivenciar o adolescer.¹⁹ A diversidade de perspectivas, culturas, classes sociais e acesso a direitos faz com que as pessoas adolescentes se relacionem consigo mesmas, com o mundo e com as outras pessoas de diferentes maneiras.²⁰

De acordo com Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silvares, foi em 1904 que Stanley Hall separou a adolescência como um estágio do desenvolvimento, inaugurando o estudo científico nesta área, descrevendo-a como um período de emotividade e estresse aumentados. Na Grécia Antiga, a puberdade era vista como uma preparação para a vida adulta, período em que se recebia um intensivo treinamento para aprender atividades militares e cívicas. As meninas se habilitavam para a maternidade, enquanto os meninos se preparavam para a guerra ou a política, e os ricos tinham a opção de se dedicarem à filosofia. Na Idade Média, período em que se vivia em comunidades feudais, crianças e adolescentes eram vistos como miniaturas de adultos e, assim que passavam pela fase de alto risco de mortalidade, eram integrados à vida adulta, saindo da infância e assumindo responsabilidades de pessoas adultas. Até então, o casamento comumente acontecia entre os 12 e 15 anos, sendo a noiva mais nova que o noivo. O Estado passou a interferir mais nos espaços sociais na Idade Moderna, através das escolas, grupos religiosos e familiares, momento em que as crianças e adolescentes passaram a conviver em lugares separados, sob a tutela de pessoas adultas especialistas. No século XIX, com a urbanização da sociedade, as pessoas já não se conheciam e as crianças passaram a ser vistas como o futuro da família e objeto de amor. As guerras do século XX impactaram o reconhecimento da adolescência, visto que agora se precisava do trabalho delas e deles para manter a sociedade como conheciam antes e, com isso, as pessoas adolescentes se fortaleceram mediante diversos movimentos juvenis e de contracultura.²¹

A adolescência passou a ser considerada também como uma espécie de “moratória social”, em que, neste período, a pessoa está apta para várias atividades, mas a sociedade a obriga a aguardar por algo que nem a responsável ou o

¹⁹ NOGUEIRA, 2023, p. 124.

²⁰ MACEDO; MACEDO, 2021, p. 74.

²¹ SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2010.

responsável, nem a própria pessoa adolescente sabem o que é.²² Com isso, a adolescência passa a ser uma interpretação dos sonhos das pessoas adultas, e estas colocam que a pessoa adolescente tem o dever de ser feliz, pois há uma idealização desta etapa da vida, como se ela não sofresse, amasse ou vivesse de verdade. Por ser a fase entre a infância que ficou para trás e o adulto que ainda não chegou, essa época pode ser entendida como a mais vulnerável em relação à autoestima, depressão e tentativas de suicídio, sendo a insegurança uma característica própria deste período.²³

Formar a identidade própria é um processo extenso e desafiador, mas pode se tornar menos custoso quando a pessoa adolescente encontra um modelo de identificação, uma figura de referência que escolhe como exemplo.²⁴ A busca da identidade é um processo dinâmico, ativo e turbulento, em que a pessoa tenta combinar individualidade e liberdade com unidade e solidariedade em um mundo intenso e mutável.²⁵ As dificuldades da adolescência não são meramente consequência das mudanças no corpo biológico, e sim demandas subjetivas desencadeadas pelas contradições e conflitos da sociedade.²⁶ Adolescentes podem sentir que estão apenas aguardando o início da realidade, já que a sociedade frequentemente indica que tudo só começa de verdade após o ensino médio ou a faculdade, quando assumirem mais responsabilidades. É necessário lembrar que elas e eles já estão vivendo sua própria jornada de vida e que a adolescência não é um problema a ser resolvido pelas pessoas adultas.²⁷

2.2 MÉTODO

Para alcançar o objetivo a que o trabalho se propõe, explorar as interseções entre adolescência, religiosidade e o contexto eclesial na experiência de filhos e

²² DAUNIS, Roberto. **Jovens: Desenvolvimento e identidade – Troca de perspectiva na psicologia da educação**. São Leopoldo: Sinodal, 2000.

²³ CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. 2ª ed. São Paulo: Publifolha, 2009.

²⁴ CRESTANI, 2016.

²⁵ MIRANDA, Ana Maria Vieira. **Fé enquanto busca do sentido da vida na adolescência: perspectiva psicológica**. 2003. Tese (Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2003.

²⁶ CAMPOS, 2006.

²⁷ HAYES; CIARROCHI, 2015.

filhas de pastores e pastoras, realizou-se uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório.

2.2.1 Participantes

O convite para participar deste estudo foi realizado para filhos e filhas de pastores e pastoras em um grupo de WhatsApp de profissionais da área da psicologia de comunidades religiosas do Brasil e também no grupo de WhatsApp dos discentes da pós-graduação da Faculdades EST. Inicialmente, 15 pessoas aceitaram participar, porém, 6 desistiram e 9 continuaram. O convite também foi feito para filhos e filhas de pastoras, porém, não houve adesão por parte destas.

A entrevista aconteceu com 5 filhos e 4 filhas de pastores e pastoras, que receberam pseudônimos para garantir o anonimato. Segue na Tabela 1 a descrição geral das participantes e dos participantes:

Tabela 1

Nome Fictício	Idade	Denominação Religiosa
Nícolás	15	Presbiteriana
Guilherme	15	Cristo é a Vitória
Enzo	15	Adventista do 7º Dia
Fred	16	Luterana
Emanuel	17	Adventista do 7º Dia
Elisa	14	Adventista do 7º dia
Stella	16	Luterana
Alice	17	Assembleia de Deus
Raissa	17	Adventista do 7º Dia

Caracteriza-se, portanto, em nove adolescentes, uma com 14 anos, três com 15 anos, duas com 16 anos e três com 17 anos. Uma pessoa é da denominação Presbiteriana, uma da igreja Cristo é a Vitória, uma da Assembleia de Deus, duas da Luterana e quatro da Adventista do 7º Dia. Uma pessoa é do estado do Rio de Janeiro, uma de São Paulo, duas de Rondônia, três do Rio Grande do Sul e três da unidade federativa do Distrito Federal.

2.2.2 Procedimentos

Após a elaboração do projeto, a entrada no programa de mestrado e a definição de que poderia seguir com este projeto de pesquisa, foi iniciado o processo de encontrar participantes para as entrevistas, que aconteceu conforme descrito no tópico anterior. Em agosto de 2023, o projeto foi submetido à *Plataforma Brasil*²⁸ e em outubro o Comitê de Ética solicitou algumas alterações e após realizadas, em dezembro houve a liberação para o início das entrevistas.

As entrevistas aconteceram após o acordo dos responsáveis no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e dos próprios participantes no Termo de Assentimento, no qual estão declarados os possíveis riscos e os benefícios da pesquisa, que a participação é voluntária e que eles e elas podem desistir de participar a qualquer momento. As entrevistas foram realizadas de maneira individual e online na plataforma de videoconferência Google Meet, possibilitando a participação daquelas e daqueles que estavam distantes, e tiveram duração média de 45 minutos.

A entrevista seguiu uma estrutura semiestruturada, com perguntas abertas em uma ordem prevista, que forneceram uma base de tópicos a serem abordados, mas permitindo a livre expressão das pessoas participantes e também o acréscimo de perguntas para esclarecimento.²⁹ Permitindo, conforme afirmam Laville e Dionne, um contato mais próximo entre as pessoas participantes. As entrevistas foram agendadas com antecedência, e foi feito o pedido para que a pessoa entrevistada estivesse em um ambiente seguro, tranquilo e que não estivesse acompanhada ou acompanhado, assegurando o sigilo do encontro. Para a fidedignidade dos dados, o áudio da entrevista foi gravado, posteriormente transcrito e analisado com base na

²⁸ Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) número: 74618823.9.0000.5314.

²⁹ LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed, Belo Horizonte: UFMG, 1999.

Interpretação Qualitativa de Dados³⁰. Foi feita a transcrição das entrevistas e após várias leituras, as respostas foram agrupadas e organizadas em tabelas, conforme categorias temáticas, alinhadas aos objetivos da pesquisa, para facilitar a visualização e a leitura das respostas de todas as pessoas participantes quanto a cada assunto, destacando os principais temas que surgiram nas falas das pessoas adolescentes. Além disso, foram investigadas semelhanças e dessemelhanças nas respostas, visando identificar padrões repetidos da linguagem entre esses filhos e filhas de pastores, permitindo assim uma compreensão mais profunda dos principais temas emergentes, o que possibilitou a realização das análises e das interpretações que, posteriormente, levaram às conclusões.

Os dados foram organizados em categorias temáticas, alinhadas aos objetivos da pesquisa, visando dar destaque aos principais temas que surgiram nas respostas das pessoas adolescentes. Além disso, foram investigadas semelhanças e dessemelhanças nas respostas, visando identificar padrões repetidos da linguagem entre esses filhos e filhas de pastores e pastoras, permitindo assim uma compreensão mais profunda dos principais temas emergentes, o que possibilitou a realização das análises e das interpretações que, posteriormente, levaram às conclusões.

A análise de conteúdo permitiu investigar atitudes, ideologias, valores e representações. Para isso, foi feita uma investigação detalhada do conteúdo, palavras e expressões utilizadas, comparando e avaliando as falas, eliminando algumas expressões na tentativa de destacar e identificar o fundamental, selecionando-o em torno das ideias principais.³¹ O que torna a interpretação mais aprofundada é a análise das respostas à luz da teoria, visto que, segundo Gil, um dos papéis mais relevantes da teoria na investigação é atribuir maior significância às informações obtidas.³² A análise de conteúdo auxiliou na verificação das hipóteses estabelecidas previamente e também na investigação quanto ao que está além do conteúdo manifestado pela pessoa entrevistada. Nesta etapa, algumas palavras, frases ou orações ganharam destaque conforme a finalidade do estudo e, cronologicamente, seguiu as seguintes

³⁰ MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec Editora Ltda, 2014.

³¹ LAVILLE; DIONNE, 1999.

³² GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Editora Atlas SA, 2021.

fases: pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados obtidos e interpretação.³³

Após a defesa da dissertação, o grupo de participantes receberá a devolutiva de resultados do estudo e a pesquisadora manterá os dados coletados em arquivo digital por cinco anos após o término da pesquisa.

2.3 PRINCIPAIS DESAFIOS DO ADOLESCER

As pessoas adolescentes que participaram desta pesquisa percebem a adolescência como um período de transição e desafios, marcado por conflitos internos e externos, especialmente em relação à identidade, responsabilidades, relacionamentos e crenças religiosas. Expressaram sentimentos de insegurança e a necessidade de equilíbrio entre diferentes aspectos de suas vidas, como estudos, lazer, religião e família. Houve o uso frequente de termos como "dúvida", "insegurança", "pressão" e "conflito". Quanto aos principais desafios da adolescência, as respostas das pessoas participantes do sexo masculino foram mais diversas, envolvendo a dificuldade em manter equilíbrio nas diversas áreas da vida, pressão para decisão sobre a futura carreira, controle de comportamentos que elas e eles julgam inadequados, e todos apresentaram ter um bom relacionamento com os amigos e com a família. Em ordem de idade, do mais novo para o mais velho, as respostas dos meninos e das meninas foram as seguintes:

A questão da responsabilidade é bem difícil, mas eu acho que a responsabilidade na adolescência não tem comparação com a do adulto, mas é bem maior que de uma criança... Eu estudo bastante, muito mais do que quando eu era criança e acho que o que mais me chateia na adolescência é querer ficar me divertindo e não poder... Tenho bastante vontade de jogar bola, desenhar e ficar no videogame, mas parei um pouco por causa dos estudos... (Nicolas)

Na resposta de Nicolas, é manifestado o saudosismo da etapa anterior do desenvolvimento. A adolescência envolve vários lutos, inclusive o do papel infantil, o que gera a necessidade de adaptação a novos papéis e responsabilidades.³⁴ Nesse luto da infância, a pessoa precisa deixar para trás o mundo da criança, preservar suas sensações e emoções infantis e conquistar a maturidade da vida adulta, o que não é

³³ MINAYO, 2001, p. 75.

³⁴ NOGUEIRA, 2023, p. 86.

fácil, visto que, em muitas situações, a infantilidade supera o desejo de se tornar adulta ou adulto.³⁵ A adolescência é permeada por uma forte ambivalência: ora buscando ser a pessoa adulta que deseja, ora preferindo manter-se presa ao passado, cultivando apego à infância.³⁶ Assim como o adolescente faz com a infância, muitas pessoas adultas percebem a adolescência como um período idealizado de férias permanentes e livre de obrigações.³⁷ Nicolas exemplifica o conflito ao demonstrar que suas demandas são reais, apesar do receio quanto às responsabilidades que virão na vida adulta.

Ao refletir sobre os desafios da adolescência, Guilherme destaca a influência dos amigos e a dificuldade de se controlar para não dizer bobagens ou fazer piadas pejorativas. Ele reconhece a pressão social, especialmente em um contexto em que as amizades na escola, no futebol e na igreja desempenham um papel significativo em sua vida.

Hoje em dia, eu acho que tem muita influência dos amigos, principalmente nas coisas que a gente fala... Tenho vários tipos de amigos, daí me percebo falando bobagem, esses negócios... Às vezes tenho vontade de fazer besteiras, mas tento me controlar... Eu nunca falei palavrão, mas o difícil mesmo é quanto a piada pesada, às vezes machista e racista, esses negócios assim... Meus melhores amigos são principalmente da escola e do futebol, mas também tenho amigos na igreja. Eu considero muito meus amigos, sei que dá pra confiar... (Guilherme)

A adolescência é frequentemente marcada pelo distanciamento da família e pela aproximação dos amigos e das amigas, visto que, nesta etapa, há uma busca por aceitação além do grupo familiar, e são nesses grupos que as pessoas adolescentes encontram referências de pessoas que pensam como elas. O grupo oferece uma oportunidade para identificação e expressão, o que auxiliará nesta fase em que se busca romper o vínculo infantil com os pais, tornando-se um espaço de acolhimento, compartilhamento de vivências e resolução de conflitos.³⁸ Durante a entrevista com Guilherme, a fala sobre as amizades esteve muito presente, demonstrando que elas são fundamentais para ele, fornecendo um contexto de socialização que o desafia e apoia simultaneamente. O relacionamento com o grupo

³⁵ CRESTANI, 2016, p. 77.

³⁶ RIBEIRO, Lecimar Quintal de Sousa. **Cognição social**: percepção do suporte familiar na perspectiva da adolescência. 2020. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2020. p. 20.

³⁷ CALLIGARIS, 2009, p. 74.

³⁸ NOGUEIRA, 2023, p. 130.

de pessoas da mesma faixa etária tende a ser confiável e fiel, visto que adolescentes enxergam na amizade um meio de alcançar autonomia.³⁹ Com isso, as influências externas tornam-se uma parte natural desse processo de crescimento e desenvolvimento da própria identidade. A busca pela construção da identidade pode ser um momento permeado por incertezas, levando as pessoas na fase da adolescência a agirem e refletirem em busca de novos caminhos e escolhas. Essa fase comumente exige que a pessoa se distancie das normas ensinadas pelo grupo familiar e pela sociedade para escolher o que entende ser melhor para si.⁴⁰ Ao refletir sobre suas ações e influências, Guilherme demonstra que está, de fato, envolvido na complexa tarefa de se reconstruir, adquirindo novas competências e se adaptando às novas realidades sociais e pessoais.

Enzo se percebe como uma pessoa intensa, então, para ele, uma das maiores dificuldades na adolescência é manter o equilíbrio:

Acho que é difícil preservar a saúde mental e equilibrar as coisas que o adolescente quer fazer. É difícil equilibrar religião, estudos, família e o âmbito social. É necessário maturidade, pra mim é difícil, ou eu estudo demais ou estudo pouco, sou intenso em quase tudo... Se meu lazer não está definido, vou estudar sem parar. Se eu estudo sem parar, uma hora vou procurar um prazer imediato no meio do estudo, só que no meio desse prazer imediato, vou me sentir ansioso por não ter estudado direito. Daí eu volto a estudar, fico estressado e acabo nem aproveitando o estudo e nem o lazer... (Enzo)

A intensidade é uma característica permanente na adolescência, fase marcada por desconstruções e reconstruções que variam conforme fatores como cultura, classe social e tempo.⁴¹ Diante do panorama complexo e desafiador da contemporaneidade, em que existem ofertas vindas de todas as instâncias e de forma rápida, torna-se cada vez mais difícil ter tempo suficiente para refletir e decidir o que é melhor para o presente e o futuro.⁴² A saúde mental pode ser vista como um equilíbrio dinâmico que surge da interação do indivíduo com seus diversos ecossistemas: seu meio interno e externo, suas características orgânicas e seus antecedentes pessoais e familiares.⁴³ Esses conceitos refletem na fala de Enzo, que

³⁹ ROSSETO, M. L. R. et al. Escolha profissional e adolescência: velhas questões, novas reflexões. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 3, p. 1, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/26907>. Acesso em: 20 jan. 2025.

⁴⁰ RIBEIRO, 2020, p. 68.

⁴¹ NOGUEIRA, 2023, p. 127.

⁴² CRESTANI, 2016, p. 30.

⁴³ MARTINS, Maria da Conceição de Almeida. Factores de risco psicossociais para a saúde mental. **Revista Millenium**, n. 29, p. 255-268, jun. de 2004.

destaca a dificuldade em equilibrar diferentes aspectos de sua vida, como religião, estudos, família e socialização. Ele menciona a necessidade de maturidade para alcançar esse equilíbrio e descreve como sua intensidade muitas vezes o leva a extremos, resultando em ansiedade e estresse.

Além disso, Enzo aborda as dúvidas que surgem nessa fase da vida:

Outra coisa, acho que muitos adolescentes começam a sofrer muitas dúvidas do que realmente acreditar. Quem é de berço cristão começa a questionar muitas coisas e eu sou assim. Discordo dos meus pais em algumas coisas teológicas. Às vezes eles tentam me provar o contrário, mas eu faço pesquisas profundas e a gente debate bastante... Tenho bastante espaço pra falar o que penso. (Enzo)

As crises religiosas fazem parte da sintomatologia da adolescência normal.⁴⁴ Ele, adolescente vindo de uma família cristã, começa a questionar suas crenças, demonstrando que o adolescer pode ser visto como uma jornada interminável de descobertas,⁴⁵ algo rotineiro para quem busca sua própria identidade e autonomia. A habilidade de ouvir atentamente, prestar atenção às contradições e questionar argumentos principais são aspectos cruciais para um diálogo efetivo, ferramenta essencial na construção de relacionamentos saudáveis e na resolução de conflitos.⁴⁶ A escuta atenta, em que as opiniões são levadas a sério, fortalece psicologicamente os pais e as adolescentes.⁴⁷ A capacidade de reflexão, questionamento e pesquisa mencionada por Enzo em suas divergências teológicas com a família deve ser permitida e incentivada, e não percebida como rebeldia, visto que este é um período inaugural do pensamento de forma mais abstrata, conforme a teoria Piagetiana.⁴⁸

Fred apresentou a pressão constante para tomar decisões sobre o futuro profissional e pessoal como um dos maiores desafios da adolescência:

A gente sempre é pressionado pra escolher o que quer fazer da vida, escolher uma profissão... Eu já pensei em algumas profissões, mas eu não tenho tanta certeza... A gente tá recém iniciando a vida, então, a gente não sabe muito bem como é que faz as coisas, mas a gente é sempre pressionado, e é próprio da vida a gente ter inseguranças e dúvidas... (Fred)

⁴⁴ KNOBEL, Maurício; ABERASTURY, Arminda. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. 10. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

⁴⁵ NOGUEIRA, 2023, p. 109.

⁴⁶ DAUNIS, 2000, p. 196.

⁴⁷ NOGUEIRA, 2023, p.129.

⁴⁸ NOGUEIRA, 2023, p.129.

Fred menciona ter dúvidas e inseguranças por estar “recém-iniciando a vida”. A despeito das altas expectativas, dos próprios sonhos e desejos, a adolescência é uma fase marcada pela inexperiência e pela necessidade de atenção.⁴⁹ Além disso, a insegurança se faz presente, visto que, nesta etapa da vida, muitas escolhas significativas precisam ser tomadas, e a escolha profissional é uma delas, como apresentado por Fred. Desde a infância, uma boa comunicação é necessária entre a família e o adolescente, em que ambas as partes podem expressar suas opiniões e alcançar acordos flexíveis, permitindo assim que o adolescente desenvolva sua independência nas pequenas e grandes escolhas. A assertividade na escolha profissional não é imutável, sendo influenciada por diversas variáveis, como características pessoais, profissionais e contexto social. Com isso, é influenciada por habilidades adquiridas, preferências, desafios, limitações, expectativas, situação financeira e até mesmo pelas profissões dos indivíduos próximos, contribuindo para a formação de imagens pessoais sobre a carreira profissional.⁵⁰ Devido à pressão e à vontade de acertar, pode ser difícil para a pessoa adolescente e para sua família entenderem que a decisão sobre a profissão, assim como outras escolhas importantes, se desenvolve ao longo de toda a vida.

Fred também comenta sobre suas responsabilidades familiares:

Recentemente eu recebi uma irmã, que eu queria muito, então, além de ajudar com as tarefas domésticas, tenho que cuidar da minha irmã e, conseqüentemente, quando ela for crescendo, eu vou ser também um amigo, uma espécie de conselheiro pra ela... (Fred)

A fala de Fred demonstra que comportamentos responsáveis podem ser associados a sentimentos de satisfação, senso de dever cumprido, bem-estar e pertencimento.⁵¹ Quando a pessoa adolescente deixa de se concentrar em suas próprias preocupações e deficiências, pode ser lembrada de tudo o que tem a oferecer. Segundo Damour (2024), dificilmente uma pessoa se sentirá triste e útil simultaneamente.⁵²

⁴⁹ CRESTANI, 2016.

⁵⁰ ROSSETO et al., 2022, p.5.

⁵¹ GUILHARDI, H. J. Auto-estima, autoconfiança e responsabilidade. In: BRANDÃO, M. Z. S.; CONTE, F. C. S.; MEZZARROBA, S. M. B. (Orgs.). **Comportamento Humano**: tudo (ou quase tudo) que você gostaria de saber para viver melhor. Santo André: ESETec Editores Associados, 2002. p. 63-98.

⁵² DAMOUR, Lisa. **The Emotional Lives of Teenagers**: Raising Connected, Capable, and Compassionate Adolescents. Nova Iorque: Ballantine Books, 2024.

Apesar de não saber dizer qual é a sua maior dificuldade na adolescência, Emanuel comenta suas percepções sobre o adolecer:

Não são todos, mas tem alguns que chegam nessa fase rebeldes. Querem saber mais do mundo de fora e acabam saindo da igreja. Nunca fui numa festa pra saber, mas, sinceramente, não sinto falta disso... Adolescentes gostam de quebrar regras, eles dizem “as regras servem para serem quebradas”, mas eu não gosto disso, porque sei que a penalidade não é legal... Eu não posso falar muito, porque eu não tenho muitos problemas, sempre me adaptei facilmente e tenho muitos amigos... (Emanuel)

Emanuel apresenta que prefere seguir as regras e evitar as penalidades associadas à sua quebra, demonstrando reflexão sobre as consequências de suas ações. Apresenta também que não tem muitos problemas e tem bastantes amigos. Ao atrelar uma coisa à outra, somos lembrados de que o autoconhecimento é construído através dos relacionamentos e do bem-estar da pessoa adolescente, o que permeia os relacionamentos que esta possui. O mundo social é construído pelas pessoas que conhece, com quem interage, pelos grupos aos quais pertence, como se percebe e percebe os outros.⁵³ No passado, problemas extremos de adaptação apresentados por algumas pessoas adolescentes foram generalizados como experiências normativas para todos, porém, é necessário ter a consciência de que a maioria dos e das adolescentes lida com sucesso com as demandas de desenvolvimento deste período.⁵⁴

Emanuel apresenta que tem um bom relacionamento com sua família, principalmente com sua mãe:

Tenho uma amizade bem forte com a minha mãe e uma boa amizade com o meu pai. Mesmo com dificuldades, a gente sempre apoia um ao outro... Não consigo me abrir muito com meu pai, ele fica mais fora, e muitas vezes o filho vê o pai de uma forma mais rígida, e a mãe é mais tranquila. Então, tenho mais dificuldade para me abrir com meu pai, para falar sobre alguns problemas, mas está tudo bem, temos um bom relacionamento.... (Emanuel)

Em nossa cultura, as mães são mais propensas a conversarem com seus filhos e filhas sobre suas emoções e assuntos particulares, visto que, desde crianças, meninas e mulheres são socializadas para serem especialmente fluentes na linguagem emocional, enquanto frequentemente os homens e as mulheres não enxergam o ato de compartilhar experiências dolorosas com alguém de confiança

⁵³ RIBEIRO, 2020, p. 33.

⁵⁴ CICCHETTI, Dante; ROGOSCH, Fred A. A developmental psychopathology perspective on adolescence. **Journal of consulting and clinical psychology**, v. 70, n. 1, p. 6–20, 2002. p. 6.

como uma solução em si.⁵⁵ Devido à falta de prática em reconhecer e conversar sobre o que sentem, os homens podem confundir emoções como ciúmes, tristeza, medo, ansiedade ou fome, expressando apenas a raiva, a qual é socialmente mais aceita por e para eles. Todos os sentimentos manifestam-se no corpo, porém, a habilidade de discriminar seus sinais precisa ser ensinada através das interações sociais, seja com a família, professores ou amigos, etc.⁵⁶ Quando adolescentes falam de seus medos, decepções e frustrações, sendo acolhidos com curiosidade e empatia, os vínculos são fortalecidos.⁵⁷

Todas as quatro meninas participantes da pesquisa relataram dificuldades de relacionamento como um dos principais desafios da adolescência, e a insegurança esteve muito presente em suas respostas. As mais novas apresentam certas dificuldades em relação aos amigos, enquanto as mais velhas apresentaram mais dificuldades com familiares.

Elisa, a entrevistada mais nova da pesquisa, apresenta sua dificuldade em fazer amizades:

As maiores dificuldades que eu tenho na adolescência envolvem me socializar e fazer amizades, principalmente porque sou uma menina mais tímida... Como sou cristã, muitas vezes, as amizades não vão de acordo com os meus princípios. Tem muita gente que vai em festas, ouve músicas que não são boas e, pra mim, fica difícil ser amiga delas, porque não faço parte desses assuntos, então fico sem saber o que dizer... Vejo as colegas, o que elas postam e fico me comparando, principalmente na questão do corpo, rosto e roupas... (Elisa)

Apesar do desejo de ter muitos amigos, Elisa explica que tem dificuldades na socialização por ser tímida. Os anseios refletem o que é geralmente valorizado pela sociedade, que tende a recompensar mais os extrovertidos e destemidos; no entanto, a timidez também possui suas vantagens, visto que pessoas com essas características inatas tendem a ser mais analíticas e observadoras antes de tomar decisões.⁵⁸ Na adolescência, especialmente entre as meninas, a vergonha, a ansiedade e o desconforto consigo mesmas são sentimentos intensos, uma vez que tendem a ser altamente autocríticas e buscam validação através da percepção do

⁵⁵ DAMOUR, 2024, p.188.

⁵⁶ GUILHARDI, 2002, p. 3.

⁵⁷ DAMOUR, 2024, p. 246.

⁵⁸ DAMOUR, Lisa. **Under pressure**: Confronting the epidemic of stress and anxiety in girls. Nova Iorque: Ballantine Books, 2020. p. 101.

olhar do outro.⁵⁹ A pessoa adolescente está sempre em busca de descobrir o que os outros veem nela, considerando-se bonita ou desejável, caso acredite que as outras pessoas se interessam por ela.⁶⁰ Além disso, a disseminação da internet de alta velocidade e o acesso às redes sociais impactaram particularmente as meninas no início da adolescência, resultando em um aumento significativo nos diagnósticos de saúde mental.⁶¹

Meninas são culturalmente ensinadas a priorizar a aparência física e sempre se compararem com outras, mas agora, além das interações presenciais, elas se comparam com versões meticulosamente selecionadas e postadas na internet, sentindo-se inadequadas ao examinar essas postagens. Este fascínio não é pela tecnologia em si, mas pela obsessão em se conectar verdadeiramente com as pessoas por trás dessas postagens.⁶² O sentimento de inadequação de Elisa é intensificado por essa comparação, também nos momentos em que ela não está pessoalmente e apenas analisando o que é mostrado nas redes sociais, levando-a a se sentir ainda mais isolada e insegura em relação às suas próprias qualidades e valores. Sentimentos que são compreensíveis quando consideramos que a adolescência é uma fase de busca por identidade e pertença, em que essas pessoas formam grupos com os quais se identificam, compartilhando e construindo a percepção de si.⁶³

A pressão cultural para encaixar-se a padrões de beleza e comportamento, muitas vezes contraditórios aos princípios de Elisa, aumenta sua sensação de não pertencimento e dificuldade de se integrar socialmente. Mulheres e meninas adolescentes são bombardeadas com mensagens contraditórias: tenha um estilo próprio, mas siga o padrão; aceite seu corpo como ele é, desde que atenda aos requisitos vigentes; seja legal, mas não insista demais nas pessoas para não ser “forçada”. Diante de seu novo corpo e da necessidade de ter esse corpo reconhecido pelo grupo, pessoas adolescentes podem tentar se esconder da visibilidade causada

⁵⁹ NOGUEIRA, 2023, p.129.

⁶⁰ CALLIGARIS, 2009, p. 25.

⁶¹ HAIDT, J.; RAUSCH, Z.; TWENGE, J. **Social media and mental health**: A collaborative review. New York University, [manuscrito não publicado]. Disponível em: <https://tinyurl.com/SocialMediaMentalHealthReview>. Acesso em: 20 jan. 2025.

⁶² DAMOUR, 2020, p. 116.

⁶³ ALMEIDA, J. S. de. Percursos do adolescer – da (in) compreensão sobre o (in)pensável. **Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente**, Lisboa, v. 10, n. 2, p. 249–279, 2020. Disponível em: <https://revistas.lis.ulsiada.pt/index.php/rpca/article/view/2784>. Acesso em: 20 jan. 2025.

pela mudança ou buscar experi-la. A internet concede um espaço de sensações onde tudo pode ser visto e exposto, um mercado de prazer sem entraves, regras maleáveis e expressão sem restrições, sendo um atrativo e válvula de escape para pessoas adolescentes ávidas por excitação.⁶⁴

Stella apresenta que seu principal desafio é o medo do julgamento, e isso pode ser atrelado a diversas pressões sociais:

Amo estar falando o que eu quero, o que eu gosto, só que eu tenho medo, eu sinto medo de me expressar, porque geralmente ou a gente tá errada ou nunca vai dar certo, então eu tenho medo, nossa, eu tenho muito medo... O meu problema não é nem fazer coisas erradas, o meu problema é a ansiedade, o nervosismo, eu sou muito ansiosa. (Stella)

A adolescência de Stella está permeada pela ansiedade, um sentimento que, neste contexto, é desagradável e fundamentado no desconhecido, sendo que o oposto da ansiedade é a segurança. Este período da vida é repleto de novidades, necessidade de tomar decisões em algumas áreas e pouca autonomia em outras, uma vez que muitas decisões ainda são tomadas somente pelas pessoas responsáveis. Sentimentos como medo, preocupação e ansiedade são comuns em ambientes de alta exigência.⁶⁵ Nossa sociedade exige mais das meninas do que dos meninos em diversos aspectos. Existe uma alta expectativa quanto à beleza; erros cometidos pelos meninos são, geralmente, aceitos com mais naturalidade, enquanto as meninas enfrentam maior intolerância quanto aos seus, visto que delas se espera exemplo, obediência e que sejam sempre boazinhas.⁶⁶ O desenvolvimento socioemocional na adolescência, assim como qualquer outro desenvolvimento, é a continuidade de sua socialização nas fases anteriores e está totalmente atrelado às estratégias educativas e ao clima emocional de seu ambiente. Além disso, é necessário considerar também que Stella pode ter formulado regras particulares, visto que as pessoas fazem isso a partir das instruções recebidas ou de suas próprias experiências, e agem conforme

⁶⁴ MACEDO; MACEDO, 2021, p. 89.

⁶⁵ ALVARENGA, Patrícia Alvarenga; WEBER, Lidia Natalia Dobrianskyj; BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini. Cuidados parentais e desenvolvimento socioemocional na infância e na adolescência: uma perspectiva analítico-comportamental. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 18, n. 1, p. 4-21, 2016. p. 15.

⁶⁶ VARELLA, Drauzio. Abandono é a principal diferença entre mulheres e homens na cadeia. **G1 São Paulo**, 12 jul. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/abandono-e-a-principal-diferenca-entre-mulheres-e-homens-na-cadeia-diz-drauzio-varella.ghtml>. Acesso em: 20 jan. 2025.

essas normas criadas, mesmo que, em algumas situações, elas não sejam compatíveis com as circunstâncias.⁶⁷

Stella apresenta também sua dificuldade para fazer amizades:

Eu não sou muito fácil pra fazer amigos. Então, meu pai e minha mãe são meus melhores amigos. É só pra eles que eu conto umas coisas. Eu não tenho aquele amigo que eu chego assim e falo: eu preciso disso, eu preciso conversar, eu só preciso chorar... (Stella)

Em todas as fases da vida, a rede de apoio social é essencial para enfrentar as mudanças decorrentes do ciclo vital e outros fatores estressantes, ajudando a estruturar a interpretação dos fenômenos presentes e facilitando o direcionamento para o futuro. Entretanto, especialmente na adolescência, a participação em grupos melhora a qualidade de vida. A autoestima é a variável que mais afeta o senso de pertencimento, pois a forma como a pessoa se percebe influencia a maneira como ela se integra ao grupo.⁶⁸ Embora a popularidade possa parecer ideal para algumas pessoas, grupos maiores geralmente trazem grandes desafios sociais, enquanto pequenos grupos de amizade, de uma ou duas pessoas, podem oferecer a confiança necessária de que terão apoio quando a vida estiver difícil. Ter uma relação próxima com a família ou apresentar um bom desempenho escolar não compensa os danos de estar socialmente isolado na adolescência, visto que, neste período, sentir-se conectado com as pessoas do convívio é crucial.⁶⁹

Alice apresenta a adolescência como uma fase de muitas descobertas: “Adolescência é uma fase que a gente muda muito, né? A gente vai crescendo e vai percebendo algumas coisas, entendendo muitas coisas...” (Alice)

Neste período de intensas transformações, marcado pelo desejo de explorar o desconhecido e de se apropriar do que é novo e desafiador, Alice passa a olhar ao seu redor e para si mesma com uma perspectiva diferente. Durante a adolescência, surge a expectativa de poder reinventar o mundo, necessitando, para isso, distanciar-se daquilo que foi estabelecido por pessoas adultas, o que pode levar adolescentes a

⁶⁷ ALVARENGA; WEBER; BOLSONI-SILVA, 2016. p. 13.

⁶⁸ BUENO, Cheila de Oliveira; STRELHOW, Miriam Raquel Wachholz; CÂMARA, Sheila Gonçalves. Inserção em grupos formais e qualidade de vida entre adolescentes. **Psico-USF**, v. 15, p. 311-320, 2010.

⁶⁹ DAMOUR, Lisa. **Untangled**: Guiding teenage girls through the seven transitions into adulthood. Ballantine Books, 2017, p.105

adotarem um modo de viver particular. Além disso, Alice menciona as dificuldades familiares:

Pra mim, o mais difícil da adolescência é conseguir ter um bom relacionamento com os pais... Eu acho que isso se encontra em todas as famílias que têm adolescente. Porque a gente começa a querer e desejar outras coisas, que não eram costumes antes. E aí começa a ter conflitos em casa, né?... Uma das coisas é que eu não gosto de me parecer com ninguém e minha mãe fica falando que é pra eu ser parecida com uma menina que era da igreja... Gosto de ser eu mesma, não gosto de ser comparada... (Alice)

Alice expressa sua frustração ao ser comparada, ilustrando a principal tarefa da adolescência, que é começar a encontrar uma identidade própria, no sentido de "agora sou esta pessoa!", alguém distinto das demais.⁷⁰ Assim como mencionado por Alice, o conflito faz parte de qualquer relacionamento e é um momento vulnerável para as pessoas envolvidas, podendo ser uma fonte de desconforto e separação ou de maior conexão e crescimento.⁷¹ Comumente, está associado a hábitos simples do cotidiano, e a intensidade do conflito varia, considerando que vários e várias adolescentes compartilham a maioria das convicções de seus familiares.⁷² Devido às individualidades, é necessário reconhecer que os relacionamentos são complexos, pois cada pessoa envolvida possui desejos, aspirações e ideias diferentes, além de características próprias, potencialidades e uma estrutura de identidade que influenciam diretamente como percebem os acontecimentos da vida.⁷³ Relacionamentos mudam e se transformam, e, para serem bem-sucedidos, exigem atenção, visto que nenhum relacionamento funciona sem ajustes, mudanças e comportamentos cuidadosos das pessoas envolvidas.⁷⁴

Durante a adolescência, comumente, toda a família enfrenta sentimentos contraditórios quanto à autonomia. As pessoas responsáveis desejam que seus filhos e suas filhas se tornem independentes, mas também temem as consequências dessa independência. Já as pessoas adolescentes buscam apoio parental enquanto tentam se libertar da vigilância, criando uma dinâmica relacional ambivalente entre vínculo e autonomia. É necessário buscar o equilíbrio entre permitir a independência e oferecer proteção durante esse processo de desenvolvimento, em que novos conceitos são

⁷⁰ DAUNIS, 2000, p. 56.

⁷¹ ONA, Patricia E. Zurita. **Parenting a troubled teen: Manage conflict and deal with intense emotions using Acceptance and Commitment Therapy.** Oakland: New Harbinger Publications, 2017. p. 223.

⁷² RIBEIRO, 2020, p. 75.

⁷³ CRESTANI, 2016, p. 168.

⁷⁴ ONA, 2017, p. 11.

formados e aprendizados são vivenciados com autonomia e apoio do círculo de relacionamentos.⁷⁵

Pessoas adolescentes tornam-se mais críticas e começam a perceber que a família é composta de pessoas comuns, alterando suas idealizações, enfrentando os segredos silenciados durante a infância e inventando novas maneiras de se relacionar com o mundo. Percebem as diferenças geracionais e constroem suas próprias histórias, frequentemente diferentes dos sonhos de seus responsáveis.⁷⁶ Por ser esperado da pessoa adolescente um comportamento diferente do infantil, e no desejo de ser mais independente, ela pode evitar recorrer aos familiares e buscar nos iguais apoio para a tomada de decisões. Isso é exemplificado pelo fato de conversarem mais com colegas do que com a família, recebendo mais informações de outras pessoas adolescentes do que de seu pai e sua mãe.⁷⁷

Uma das participantes mais velhas da entrevista apresenta que, quando começou a conversar mais com a família, o relacionamento melhorou:

Sobre relacionamentos, acho que há conflitos com os pais, porque parece que não temos controle de nada nessa fase. No começo, foi difícil, mas comecei a passar por situações em que precisei mais da ajuda deles e decidi me abrir para conversar, as coisas começaram a fazer mais sentido... Nós queremos agradar nossos pais e mostrar que temos responsabilidade, mas às vezes não é bem assim... Meu relacionamento com meus pais é muito bom, mas teve um processo. Quando me permiti entender o lado deles e falei o que realmente sentia, percebi que as coisas melhoraram. Um dia, eu deixei a minha mãe chateada com algo que disse, fui pedir desculpas e decidi falar tudo o que sentia. Foi um momento muito nosso, choramos, e ela disse que sentia saudades de mim e também pediu desculpas. Isso mudou nossa relação... (Raissa)

Raissa demonstra que o bom relacionamento exige intencionalidade de todas as pessoas participantes, e a busca por entender as situações precisa ser constante e coletiva, visto que raramente todas as informações para um julgamento assertivo estarão disponíveis de forma clara.⁷⁸ O relacionamento familiar é complexo, como todos os outros, e os momentos de desconexão e frustração são inerentes. A interação entre pais e mães com filhos e filhas adolescentes deve se basear na percepção do momento atual, com um olhar voltado para o futuro, em que as pessoas

⁷⁵ RIBEIRO, 2020, p. 76.

⁷⁶ NOGUEIRA, 2023, p. 133.

⁷⁷ ALMEIDA, Inez Silva de; RODRIGUES, Benedita Maria Rêgo Deusdará; SIMÕES, Sonia Mara Faria. O adolescer... um vir a ser. **Adolesc. Saúde**, v. 4, n. 3, p. 24-28, 2007.

⁷⁸ RIBEIRO, 2020, p. 26.

adultas servem como referências seguras, exemplificando resiliência e proteção. É importante que a família incentive estilos de vida variados e saudáveis, reconhecendo que o comportamento das pessoas adolescentes reflete suas emoções, desafios e qualidades. Ter um espaço para dialogar com alguém compreensivo e que saiba escutar é de extrema importância, e, ao incorporar habilidades de assertividade na educação, a família apresenta o modelo de comunicação essencial para relações saudáveis e satisfatórias.⁷⁹

Existem diversas maneiras de acertar na educação, e aceitar que ela terá desafios auxilia a família a escolher como reagir.⁸⁰ Convivendo com pessoas adolescentes, em um único dia podem surgir sentimentos fortes e opostos, como, por exemplo, amor e solidão, liberdade e restrição, excitação e medo, confiança e dúvida.⁸¹ Entretanto, os momentos de desafio podem ser transformados em momentos para crescimento, reparação e construção de um relacionamento gratificante.⁸² Cada família enfrenta suas próprias dificuldades, refletindo a realidade humana marcada pela disfuncionalidade.

No entanto, a esperança é perpassada através do perdão, o qual é a decisão pessoal de não se prender à raiva.⁸³ Apesar de a raiva ser extremamente importante — uma vez que, se bem elaborada, pode ajudar a pensar com clareza e estabelecer limites —, ela é uma emoção que precisa ser passageira, como todas as outras. Enquanto a ruminação da raiva ou mágoa estiver presente, a agressão continua acontecendo, e é somente através do perdão que se pode sair dessa agressão, seja consigo mesmo ou com outra pessoa. Por ser um comportamento, o perdão é uma habilidade que pode ser aprendida e, como qualquer outra habilidade, exige prática. A família pode ser um bom lugar para desenvolver essa habilidade.⁸⁴

⁷⁹ ONA, 2017, p. 346.

⁸⁰ DAMOUR, 2017, p. 344.

⁸¹ HAYES; CIARROCHI, 2015, p. 23.

⁸² ONA, 2017, p. 326.

⁸³ WONDRAČEK, Karin H. K. (Org.) et al. **Perdão**: onde saúde e espiritualidade se encontram. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2019.

⁸⁴ ONA, 2017, p. 263.

3 RELIGIOSIDADE

Neste capítulo, com o objetivo de investigar como adolescentes de famílias pastorais avaliam suas práticas religiosas, será apresentado o conceito de religiosidade, exploradas diferentes perspectivas sobre o desenvolvimento religioso e, ao final, destacada a experiência pessoal das pessoas participantes da pesquisa.

3.1 CONCEITUANDO E DIFERENCIANDO RELIGIOSIDADE

Conceituar religiosidade não é uma tarefa fácil e muito menos unânime, mas é possível explorar diferentes perspectivas. Para muitas pessoas, a religiosidade é a expressão de sua espiritualidade, funcionando como um caminho para compreender o significado mais profundo da vida e conectar-se com o transcendente.

Paul Tillich apresenta que a religião não é uma função da nossa vida, não é apenas uma parte, mas sim a dimensão da profundidade em todas elas. Para ele, a religião é o fundamento, o que dá sentido, direção e profundidade ao viver. Segundo o autor, “a religião revela a profundidade da vida espiritual, encoberta, em geral, pela poeira de nossa vida cotidiana e pelo barulho de nosso trabalho secular.”⁸⁵

Zangari e Machado afirmam que religiosidade é a maneira como a pessoa vive, em sua rotina, a religião. Isso significa que se trata de algo particular do indivíduo, envolvendo seguir ou não os preceitos da instituição religiosa. Uma pessoa pode organizar sua vida e dar sentido a ela com base em referências religiosas e em sua fé ou não, considerando que algumas pessoas, mesmo sendo religiosas, encontram sentido de vida em causas ecológicas, artísticas, filosóficas ou outras.⁸⁶

Puntel e Adam⁸⁷ reforçam que a religiosidade é a forma como se vivencia, individualmente ou em grupo, uma religião, crença, fé ou conjunto de valores morais.⁸⁸ Andreia Nara complementa ao descrever a religiosidade como um fenômeno multidimensional sustentado por três núcleos centrais:

- “Fé, que se refere às convicções e motivações religiosas;

⁸⁵ TILLICH, Paul. **Teologia da cultura**. São Paulo: Fonte editorial, 2009, p. 45.

⁸⁶ ZANGARI; MACHADO, 2023, p. 16-18.

⁸⁷ KOENIG apud PUNTEL; ADAM, 2021, p. 249.

⁸⁸ PUNTEL; ADAM, 2021, p. 249.

- Experiência religiosa, que está relacionada ao envolvimento afetivo;
- Prática religiosa, que abrange os rituais e a estrutura da organização social religiosa.”⁸⁹

Koenig e colaboradores definiram religião, religiosidade e espiritualidade da seguinte maneira: a religião consiste em um sistema estruturado de crenças, práticas e símbolos que visa facilitar a conexão com Deus; a religiosidade diz respeito à prática de uma religião específica; e a espiritualidade refere-se à busca pelo entendimento de questões existenciais profundas, como o propósito da vida e a vida após a morte, bem como à relação com o sagrado.⁹⁰

Nesse sentido, investigar a religiosidade de adolescentes de famílias pastorais implica compreender como eles vivenciam e expressam sua fé, além de analisar como suas práticas religiosas são moldadas tanto por suas experiências pessoais quanto pelas expectativas institucionais. Herbes e Avila⁹¹ destacam o impacto das religiões na história e na saúde mental das pessoas. Para compreender plenamente uma pessoa, é necessário considerar fatores como gênero, condição socioeconômica, níveis educacionais, questões raciais e étnicas e, de forma igualmente relevante, a religiosidade. Assim, é possível obter uma perspectiva mais ampla e integrada sobre o indivíduo.

3.2 DESENVOLVIMENTO RELIGIOSO

O desenvolvimento religioso tem sido tema de diversos estudos empíricos que analisam o processo de aquisição da fé ao longo da vida. Zangari e Machado apresentam autoras e autores que desenvolveram teorias sobre como as pessoas percebem, adquirem e lidam com a fé em diferentes fases da vida.

Fritz Oser⁹² dedicou-se a identificar um padrão cognitivo universal que permitisse descrever, explicar e prever o desenvolvimento religioso. Seu objetivo era

⁸⁹ SOUSA, Andrea Nara Lopes Henriques de. **Gratidão em adolescentes universitários**: um estudo correlacionado pautado na psicologia positiva. 2017. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdades EST, São Leopoldo, 2017. p 39.

⁹⁰ TAUNAY, T. C. D. et al. Validação da versão brasileira da escala de religiosidade de Duke (DUREL). **Rev Psiq Clín**, v. 39, n. 4, p. 130-135, 2012.

⁹¹ ANCONA-LOPEZ, 1999 apud HERBES, Nilton Eliseu; AVILA, Mirian de Jesus. Psicologia e Religião: um encontro inevitável. **Revista Pistis & Praxis**. Curitiba, v. 12, n. 1, p. 143-162, jan./abr. 2020, p. 150.

⁹² OSER, Fritz, 1991, apud ZANGARI; MACHADO, 2023, p. 125.

compreender como as pessoas julgam, avaliam e compreendem a religião, Deus e o sobrenatural em cada etapa da vida. Como síntese da teoria de Oser, Zangari e Machado apresentam os seguintes estágios de desenvolvimento:

Estágio 1: Ação inesperada de Deus no mundo.

Estágio 2: A vontade divina pode ser influenciada.

Estágio 3: Deus distanciado do mundo.

Estágio 4: Deus como fonte de sentido.

Estágio 5: Deus como responsável por tudo.

De acordo com Oser, adolescentes geralmente já superaram o estágio 1, no qual percebem Deus como uma figura que estabelece sua vontade no mundo, controlando-o com poder, proteção e até mesmo punições.⁹³ Neste primeiro estágio, Deus é ativo, enquanto a pessoa assume um papel reativo. Também passaram pelo estágio 2, em que acreditam ser possível negociar com Deus por meio de orações ou bons comportamentos, sentindo algum grau de controle sobre os acontecimentos. Nesse ponto, a crença baseia-se na ideia de que Deus pode ser influenciado, persuadido ou convencido pela pessoa.

Adolescentes frequentemente encontram-se no estágio 3, caracterizado por uma valorização maior da vontade humana e pelo destaque às expressões pessoais. Nesse estágio, a compreensão da imanência e transcendência divinas ainda é limitada,⁹⁴ de certa forma, levando a uma percepção de Deus como mais distante ou até mesmo deixado de lado.⁹⁵

Para que a mudança de estágio aconteça, Oser afirma que algumas condições precisam ser atendidas: a forma anterior de pensar deixa de fazer sentido; a pessoa busca mais independência em sua relação com o sagrado; e dispõe de

⁹³ ZANGARI; MACHADO, 2023, p. 126.

⁹⁴ ZANGARI; MACHADO, 2023, p. 126.

⁹⁵ PAIVA, Geraldo José de. **Psicologia da religião**: uma introdução. São Paulo: Edusp, 2022. p. 73.

novas ferramentas para pensar de maneira diferente e conectada sobre várias situações. Segundo o autor, toda transformação começa com a rejeição do modo de pensar antigo.⁹⁶

David Elkind, um dos pioneiros na pesquisa sobre o desenvolvimento religioso nos Estados Unidos, utilizou as teorias de Jean Piaget como base para investigar como as crianças percebem e processam cognitivamente a religião institucional.⁹⁷ Elkind propôs três estágios de desenvolvimento, conforme sintetizado por Zangari e Machado:⁹⁸

Estágio I (de 2 a 7 anos): Representação concreta e indiferenciação. Sem identidade religiosa.

Estágio II (de 7 a 11-12 anos): Representação concreta e diferenciação. Pistas da identidade religiosa.

Estágio III (a partir dos 12 anos): Conceitos abstratos. Busca pela identidade religiosa.

Elkind considera o desafio de entender o significado da religião pessoal para as crianças, uma vez que essa compreensão está intimamente ligada às suas experiências e interações com o mundo ao seu redor. No primeiro estágio, correspondente ao estágio pré-operatório de Piaget, embora as crianças comecem a desenvolver habilidades de usar signos linguísticos ou símbolos para representar objetos concretos, ainda não possuem capacidade cognitiva suficiente para realizar plenamente o raciocínio que envolve diferenciação. No segundo estágio, correspondente ao estágio das operações concretas, é considerada a habilidade de diferenciar e abstrair características pessoais da participação no grupo religioso. Já no terceiro estágio, no qual as crianças normalmente estão no estágio das operações formais de Piaget, são capazes de refletir, fazer julgamentos e chegar a conclusões próprias sobre crenças, podendo já entender como é a comunhão com Deus, e

⁹⁶ PAIVA, 2022, p. 74.

⁹⁷ ZANGARI; MACHADO, 2023, p. 129.

⁹⁸ ZANGARI; MACHADO, 2023, p. 149

buscando voluntariamente atividades do âmbito religioso, assim como fazem as pessoas adultas.⁹⁹

James Fowler, autor de *Estágios da Fé*, também foi influenciado por Piaget e Kohlberg, e a partir de sua teoria sobre os estágios de desenvolvimento cognitivo, escreveu sobre o desenvolvimento religioso, demonstrando que a fé é um processo dinâmico. Para Fowler, a ideia de fé é similar à noção de confiança e lealdade a um conjunto de valores, que é aprendida a partir da interação com as pessoas cuidadoras durante a infância. Ao ter suas necessidades básicas atendidas, a pessoa passa a sentir que pode confiar em alguém, e essa sensação influencia a maneira como desenvolverá sua fé.¹⁰⁰ Para o autor, a fé é algo presente em todas as pessoas e não precisa ser religiosa. Por exemplo, uma fé não religiosa pode ser a confiança nos pais, no comunismo, no humanismo secular, no dinheiro ou até nas próprias capacidades físicas ou mentais. Já a fé religiosa está ligada às tradições de uma religião específica e tem Deus ou uma realidade superior como o centro de seus valores.¹⁰¹ O autor sugere sete estágios, embora algumas pessoas não progridam no desenvolvimento religioso.¹⁰² Seu modelo pode ser representado graficamente por uma espiral, visto que os aspectos dos estágios anteriores são reintroduzidos, desenvolvidos, transformados e adicionados aos próximos estágios.¹⁰³

Estes são os estágios propostos por Fowler, apresentado por Zangari e Machado:

Estágio 1 (do nascimento até os 2 anos): Fé primal.

Estágio 2 (entre 2-3 e 6-7 anos): Fé intuitivo-projetiva.

Estágio 3 (entre 7 e 12 anos): Fé Mítico-literal.

Estágio 4 (entre 12 e 21 anos): Fé sintético-convencional.

Estágio 5 (entre 21 e 35 anos): Fé individualativo-reflexiva.

⁹⁹ ZANGARI; MACHADO, 2023, p. 131.

¹⁰⁰ ZANGARI; MACHADO, 2023, p. 131.

¹⁰¹ PAIVA, 2022, p. 74.

¹⁰² ZANGARI; MACHADO, 2023, p. 131.

¹⁰³ MIRANDA, 2003, p. 100.

Estágio 6 (entre 35 e 45 anos): Fé conjuntiva.

Estágio 7 (geralmente após 45 anos): Fé universalizante.

O primeiro estágio, também conhecido como lactância ou fé indiferenciada, que antecede a linguagem, é apresentado por Fowler como o momento em que o vínculo, a confiança e a qualidade do relacionamento mãe-bebê, ou com quem proveu os primeiros cuidados, possibilitarão ou dificultarão a afloração da fé.¹⁰⁴¹⁰⁵ Com o surgimento do pensamento operacional concreto, a criança passa para o estágio 2.

O estágio de fé intuitivo-projetiva é marcado pelo surgimento da imaginação e fantasia. A criança tem capacidades limitadas de diferenciar a própria perspectiva da dos outros, e é nesta etapa que a criança toma conhecimento sobre o sagrado, a morte e seres espirituais¹⁰⁶.

O estágio 3, mítico-literal, é manifestado pela aparição das operações concretas, que permitem à criança narrar sua experiência, sistematizar sua compreensão com as demais pessoas e perceber o mundo como mais previsível, orientado e organizado.¹⁰⁷ Entretanto, nesta fase, as narrativas, personagens, símbolos e ideias são compreendidos de modo literal, e as crianças podem ter um autocontrole excessivo, visto que temem possíveis castigos, como acontecem nas histórias.¹⁰⁸ Por existir a tendência de perceber as coisas de maneira literal, algumas formas de fundamentalismo podem estimular que a pessoa fique nesta etapa.¹⁰⁹

No estágio 4, fé sintético-convencional, envolve a busca pela identidade, tornando esta fase cheia de contradições, dúvidas e atritos com a família e o meio social em si. A pessoa adolescente vai descobrindo pessoas significativas para ela, que podem contribuir para a identidade que busca formar.¹¹⁰ Essas pessoas são como espelhos que ajudam na transição necessária para a individualização.¹¹¹

¹⁰⁴ MIRANDA, 2003, p. 102.

¹⁰⁵ LOTUFO NETO, Francisco; LOTUFO JR, Zenon; MARTINS, José Cássio. **Influências da religião sobre a saúde mental**. Santo André: ESETec, 2003. p. 16.

¹⁰⁶ ZANGARI; MACHADO, 2023, p. 132.

¹⁰⁷ MIRANDA, 2003, p. 103.

¹⁰⁸ ZANGARI; MACHADO, LOTUFO JR; MARTINS, 2023, p. 132.

¹⁰⁹ ZANGARI; MACHADO, LOTUFO JR; MARTINS, 2023, p. 16.

¹¹⁰ MIRANDA, 2003, p. 107.

¹¹¹ MIRANDA, 2003, p. 105.

Adolescentes frequentemente se importam em demasia com o que outras pessoas pensam a seu respeito. Nesta etapa, a manutenção da fé ocorre por meio de símbolos e rituais conectados aos seus sistemas de significado. No entanto, para que esses símbolos sejam considerados sagrados, é essencial que estejam repletos de sentido.¹¹² Por mais que seja característico da adolescência, algumas pessoas não se desenvolvem a partir deste estágio, visto que ficam dependentes da avaliação externa e do juízo alheio, além de não refletirem sobre seus próprios valores e convicções, dependendo sempre do consentimento da congregação.¹¹³

O estágio 5 é considerado delicado e decisivo. Fowler o considera como estágio “desmitologizador”, visto que nesta etapa existem mais possibilidades de análise, indagações e opções. Há a propensão de buscar valores próprios rumo à conquista de um sistema abrangente, destacando o que é pessoalmente significativo daquilo que é imposto por outras pessoas.¹¹⁴ A racionalidade e a erudição são enaltecidas, e as pessoas que estão nesta fase tendem a demonstrar altivez e soberba, considerando-se melhores que as demais pessoas, inclusive aquelas que estão nas fases posteriores.¹¹⁵

Já o estágio 6 é marcado pela não necessidade de proteção de uma posição inflexível, em que não há as ilusões da juventude, e existe uma busca pela integração entre as contradições das experiências internas e externas.¹¹⁶ Diminui a necessidade de polarização da verdade e a pessoa torna-se mais humilde diante do mistério. A transição para este estágio geralmente ocorre após a meia-idade e comumente após um desapontamento e pela percepção de que a vida é mais complexa do que a lógica do estágio anterior.¹¹⁷ A pessoa entende que os símbolos não são a realidade propriamente dita, mas podem se aproximar de parte da realidade.

Poucas pessoas alcançam o estágio 7 e geralmente são reconhecidas como santas.¹¹⁸ Neste estágio, a pessoa busca a transformação da atualidade em direção à realidade transcendente. Neste processo, a identidade da pessoa e a identidade da

¹¹² MIRANDA, 2003, p. 110.

¹¹³ ZANGARI; MACHADO, LOTUFO JR; MARTINS, 2023, p. 17.

¹¹⁴ ZANGARI; MACHADO, 2023, p. 134.

¹¹⁵ ZANGARI; MACHADO, LOTUFO JR; MARTINS, 2023, p. 17.

¹¹⁶ MIRANDA, 2003, p. 112.

¹¹⁷ ZANGARI; MACHADO, LOTUFO JR; MARTINS, 2023, p. 17.

¹¹⁸ ZANGARI; MACHADO, LOTUFO JR; MARTINS, 2023, p. 18.

busca ideal pela transformação se unem, fazendo com que a pessoa se torne uma referência do que crê.¹¹⁹

Ao refletir sobre a teoria de Fowler, Miranda afirma o seguinte:

O que molda a identidade são os comprometimentos e a confiança. Isso significa que nós nos tornamos parte daquilo que amamos e em que confiamos. Assim a identidade e a fé se inter-relacionam, pois reúnem esses diversos papéis, contextos e significados em uma unidade integrada e operacional.¹²⁰

Mauro Amatuzzi buscou entender como as pessoas vivenciam experiências religiosas e as narram, assim como os impactos dessas experiências em suas vidas. Ele destaca que a fé é um elemento central na experiência humana, permeando as relações interpessoais e a própria construção de sentido na vida.¹²¹ A fé, segundo Amatuzzi, é uma característica que motiva as ações e se expressa na postura de confiança diante da vida. Ela é um elemento essencial para a segurança e a confiança humana.¹²² Além disso, ele observa que esse movimento interno pode originar a experiência religiosa, que se manifesta de formas variadas em diferentes momentos históricos, moldando culturas, grupos, comunidades e os próprios indivíduos. As pessoas chegam ao mundo inseridas em um sistema de significados transmitido pela sociedade e pela família, mas esses significados não são estáticos; eles podem ser ampliados e modificados ao longo da vida, através das vivências e experiências no mundo. Assim, o significado se conecta à trajetória pessoal de cada pessoa, ou seja, ao modo como cada indivíduo se relaciona com o que percebe.¹²³

O quadro de síntese elaborado por Machado e Zangari é apresentado da seguinte maneira:¹²⁴

- Primeira etapa (até os 18 meses de vida): Indiferenciação/inexistência da religião.

¹¹⁹ MIRANDA, 2003, p. 113.

¹²⁰ MIRANDA, 2003, p. 114.

¹²¹ ZANGARI; MACHADO, 2023, p. 150.

¹²² GUIRAL, Elaine Cristina Vilioni de Souza. **As experiências e os significados da fé e religiosidade para adolescentes em conflito com a lei**. 2017. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. p. 41.

¹²³ GUIRAL, 2017, p. 40.

¹²⁴ ZANGARI; MACHADO, 2023, p. 150.

- Segunda etapa (2 a 6 anos de idade): Possessividade/Religião com poder concreto.
- Terceira etapa (7 a 12 anos de idade): Sem ímpeto para corresponder às expectativas/assimilação de narrativas religiosas.
- Quarta etapa (13 a 18-20 anos de idade): Questionamento e rebeldia; a religião é questionada.
- Quinta etapa (18-20 até aproximadamente 30 anos de idade): abertura para a intimidade; a avaliação da religião depende da qualidade das experiências.
- Sexta etapa (30-35 a 40 anos de idade): Diferenciação consolidada e “fecundidade”; ação como instrumento de Deus.
- Sétima etapa (35-40 até aproximadamente 60 anos de idade): revisão crítica da vida; a religião é questionada.
- Oitava etapa (60 a 80 anos de idade): Sentimento de liberdade e busca pelo que dá sentido à vida; humildade diante do mistério.
- Nona etapa: Compreensão e aceitação da morte é o desafio; possível integração às crenças religiosas.

Amatuzzi destaca que cada etapa do desenvolvimento humano reflete as condições afetivas e cognitivas da pessoa em relação ao seu conceito de si. Ele aponta que “a religião pode ser promotora ou bloqueadora de desenvolvimento”¹²⁵. A seguir, são descritas as etapas desse processo, suas características e o papel da religião em cada uma.

Na primeira etapa, que vai até os 18 meses de vida, a religião ainda não está presente de forma consciente para a criança, embora tenha implicações importantes para seu desenvolvimento futuro.¹²⁶ O principal desafio dessa etapa é reconhecer a realidade como algo externo e distinto de si mesma. A confiança básica se desenvolve

¹²⁵ AMATUZZI, 2000, p. 29 apud ZANGARI; MACHADO, 2023, p. 139.

¹²⁶ ZANGARI; MACHADO, 2023, p. 137.

através do cuidado recebido, e a religião está ligada à relação de segurança com a família.¹²⁷ É nesse contexto que acontece a diferenciação de si e do outro, com a confiança na figura cuidadora ajudando a criança a superar o egocentrismo inicial. Essa base de segurança e diferenciação terá impacto significativo em sua relação com a religiosidade no futuro.¹²⁸

Na segunda etapa, a criança tem uma imaginação fértil e literal. A literalidade faz com que as crianças considerem inclusive o mundo religioso de modo concreto e com uma realidade objetiva,¹²⁹ uma vez que começam a entender os símbolos, ritos e imagens transmitidos pela família. O foco desta etapa é aprender a aceitar o outro como separado de si.¹³⁰

Já na terceira etapa, as narrativas religiosas são melhor assimiladas e podem servir como modelo de identificação para a criança. Entretanto, a segurança transmitida influenciará a capacidade e o tipo de identificação religiosa que a criança terá.¹³¹ Nesta etapa, o desafio é descobrir sua capacidade de desenvolver autoestima, e a religião passa a ser compreendida por narrativas e histórias, com possibilidade de influenciar por meio de práticas como orações e rituais.¹³²

Na adolescência, que corresponde à quarta etapa, tudo o que os pais transmitiram até agora é reavaliado, visto que a pessoa quer tomar decisões por si mesma e fazer escolhas pessoais. Se não houver uma experiência pessoal, comumente a religiosidade é considerada como algo alheio para a pessoa adolescente.¹³³ O foco desta etapa está em formar uma identidade própria e questionar os valores recebidos.¹³⁴

Na quinta etapa, as críticas são reavaliadas e, ao ter uma experiência significativa e pessoal, poderá acontecer uma apropriação dos valores religiosos que serão assimilados também às outras facetas da própria vida. Se isso não acontecer, há uma grande chance de a religião ser algo apenas convencional e distante.¹³⁵ O

¹²⁷ GUIRAL, 2017, p. 45.

¹²⁸ ZANGARI; MACHADO, 2023, p. 137.

¹²⁹ ZANGARI; MACHADO, 2023, p. 137.

¹³⁰ GUIRAL, 2017, p. 45.

¹³¹ ZANGARI; MACHADO, 2023, p. 138.

¹³² GUIRAL, 2017, p. 45.

¹³³ ZANGARI; MACHADO, 2023, p. 138.

¹³⁴ GUIRAL, 2017, p. 46.

¹³⁵ ZANGARI; MACHADO, 2023, p. 138.

desafio é aprofundar relacionamentos e viver experiências significativas. A religião é integrada à vida com maior reflexão crítica e proximidade emocional.¹³⁶

Na sexta etapa, é comum haver o sentimento de necessidade de prolongamento de si e isso pode ser satisfeito de maneiras criativas, inclusive através de atitudes visando ser lembrado pelas próximas gerações.¹³⁷ O foco é contribuir socialmente e encontrar realização. A religião se expande e conecta crenças com ações práticas.¹³⁸

Na sétima etapa, acontece um novo momento de crítica e revisão da própria vida. As experiências pessoais de outras etapas poderão oferecer sentido para sua fé (ou falta dela), influenciando sua vivência religiosa atual.¹³⁹ O desafio desta etapa é superar a monotonia e encontrar sentido no cotidiano. A religião se torna mais interiorizada, promovendo uma vivência pessoal e integrada.¹⁴⁰

Na oitava etapa, a pessoa se sente mais à vontade para relativizar as normas e os sistemas simbólicos institucionalizados. Nesta etapa, há também o que Amatuzzi chama de “humildade diante do mistério”, em que a dimensão religiosa é experienciada de uma maneira mais subserviente, fundindo-se com a própria experiência de vida.¹⁴¹ A busca é pela libertação dos apegos e serenidade.¹⁴²

Já na última etapa, a nona, existe o desafio de conformar-se, consentir e estar em paz com a finitude da vida, o que pode acontecer como um ato religioso.¹⁴³ A religião assume seu papel final como expressão de entrega confiante e conexão com algo superior.¹⁴⁴

Heinz Streib tem enriquecido os estudos sobre o desenvolvimento da fé, ampliando a compreensão para além dos aspectos puramente cognitivos. Ele propõe que seja levado em consideração o conteúdo das religiões, as experiências religiosas e a função da religião, mesmo que, muitas vezes, esses elementos não sejam plenamente conhecidos pela própria pessoa. Para Streib, as experiências religiosas

¹³⁶ GUIRAL, 2017, p. 46.

¹³⁷ ZANGARI; MACHADO, 2023, p. 138.

¹³⁸ GUIRAL, 2017, p. 46.

¹³⁹ ZANGARI; MACHADO, 2023, p. 140.

¹⁴⁰ GUIRAL, 2017, p. 46.

¹⁴¹ ZANGARI; MACHADO, 2023, p. 140.

¹⁴² GUIRAL, 2017, p. 47.

¹⁴³ ZANGARI; MACHADO, 2023, p. 140.

¹⁴⁴ GUIRAL, 2017, p. 47.

estão mais relacionadas aos sentimentos do que ao pensamento lógico.¹⁴⁵ Em seu livro *Faith in Development*, Streib e Hood Jr. concordam ao conceituar “fé” como uma “visão de mundo”. Para eles, o desenvolvimento da fé visa uma abertura ao diálogo e à sabedoria no encontro com o Desconhecido.¹⁴⁶ Essa perspectiva sugere que o desenvolvimento religioso envolve tanto a interpretação das experiências quanto a interação com o contexto cultural e interpessoal.

Streib¹⁴⁷ apresenta quatro dimensões para compreender o desenvolvimento religioso, que são: a psicodinâmica-interpessoal, a interpessoal-relacional, a hermenêutica-interpretativa e o mundo da vida. Cada uma dessas dimensões destaca aspectos específicos do processo de desenvolvimento da fé.

Na dimensão psicodinâmico-interpessoal, Streib enfatiza a história de vida pessoal, principalmente na díade mãe-bebê. Nesse sentido, a religião pode ser compreendida como consequência do convívio até então, e o desenvolvimento religioso acontece de maneira concomitante às relações interpessoais da criança com as demais pessoas.

Na dimensão interpessoal-relacional, a criança já se reconhece como distinta dos demais, interagindo com as coisas e outras pessoas. De acordo com Machado e Zangari, Streib destaca tanto os recursos psicodinâmicos – internos e inconscientes – quanto os recursos do convívio social para a percepção da religião.¹⁴⁸

A dimensão hermenêutico-interpretativa diz respeito ao que adquirimos através das tradições culturais e, ao formar um vínculo pessoal com essas tradições, elas vão se modificando e modificando também a própria pessoa e sua narrativa, de acordo com as capacidades de raciocínio lógico.

Por último, a dimensão do mundo da vida, que abrange todos os aprendizados acumulados ao longo da trajetória pessoal. Essa dimensão integra todas as experiências e reflexões adquiridas ao longo da existência, consolidando a visão de mundo e a relação com a religião.

¹⁴⁵ ZANGARI; MACHADO, 2023, p. 141.

¹⁴⁶ STREIB, Heinz. A faith development perspective on fundamentalism. In: **Meeting of the Society for the Scientific Study of Religion in Salt Lake City**. 2002. p. 17.

¹⁴⁷ STREIB apud ZANGARI; MACHADO, 2023, p. 142.

¹⁴⁸ ZANGARI; MACHADO, 2023, p. 143.

3.3 PERCEPÇÃO DAS PESSOAS PARTICIPANTES

Camboim e Rique realizaram um estudo com adolescentes e jovens adultos com o objetivo de compreender e comparar a religiosidade/espiritualidade dos dois grupos. Os resultados revelaram que adolescentes praticam mais atividades religiosas e estão mais vinculadas a filiações religiosas do que jovens adultos, que, por sua vez, se consideram mais espiritualizadas. Isso significa que mantêm uma relação espiritual pessoal e mais direta com o transcendente, independentemente de instituições religiosas. Os autores argumentam que tais resultados demonstram o que já foi apontado por outros pesquisadores: a religiosidade pode ser vivenciada de formas diferentes ao longo da vida, conforme as fases de desenvolvimento.¹⁴⁹

Durante as entrevistas, ficou perceptível que a fé das pessoas adolescentes e suas experiências no campo religioso acontecem no contexto concreto da vida, em meio a contradições, dificuldades e desejo de proteção. Sua religiosidade está relacionada ao enfrentamento de situações concretas de suas vidas, associadas ou não à religiosidade parental.

Todas as pessoas participantes da pesquisa afirmaram que desejam seguir nos mesmos caminhos religiosos em que já estão hoje, pois percebem que as escolhas feitas por seus pais ou responsáveis são pertinentes também para elas. Algumas relataram que pretendem permanecer nesses caminhos pensando na educação dos futuros filhos; outras almejam ocupar cargos de liderança na igreja ou trabalhar para a instituição religiosa. Uma pessoa participante, no entanto, relatou estar ciente de que suas próprias opiniões podem mudar à medida que adquirir mais conhecimento. Ela afirmou que há uma grande possibilidade de continuar na instituição religiosa de sua família, mas ressaltou que discorda de certos conselhos seguidos por seus pais como se fossem regras. Ainda assim, destacou que há outras práticas que seus pais relativizam, mas que ela considera inegociáveis por acreditar que são corretas biblicamente.

As respostas das pessoas adolescentes revelaram, de forma clara, a importância de uma religiosidade vivenciada como uma experiência pessoal,

¹⁴⁹ CAMBOIM, Aurora; RIQUE, Julio. Religiosidade e espiritualidade de adolescentes e jovens adultos. **Revista Brasileira de História das Religiões, ANPUH**, ano III, n. 7, mai. 2010. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao>. Acesso em: 20 jan. 2025.

conforme destacado por Amatuzzi e Fowler. Esses autores apontam que a religiosidade precisa ser algo significativo para as próprias pessoas, e não apenas uma imposição externa. Essa ideia foi exemplificada pelos depoimentos das pessoas participantes.

Raíssa compartilhou como sua percepção de Deus influencia diretamente suas escolhas diárias, tanto grandes quanto pequenas: “Enxergo Deus como um Pai, Alguém que cuida de mim. Eu faço as coisas pensando o que Ele vai achar. Então, minhas decisões são influenciadas por Ele, as minhas escolhas, o que eu preciso, as minhas prioridades...” (Raíssa)

Ao ser questionado a respeito de sua visão sobre Deus, Enzo compartilha sua experiência, destacando o papel divino em sua vida e reflexões: “Vejo Deus como algo sobrenatural. Um salvador. Ele me ajuda a pensar o que deveria fazer e instigar algumas filosofias e pensamentos sobre sociedade, outras religiões, teologia.” (Enzo)

Elisa destacou a integração prática de sua fé ao cotidiano, enfatizando como sente a presença divina em situações concretas:

Pra mim, Deus é um ser que está o tempo todo conosco, nos cuidando e protegendo. Podemos pedir ajuda que Ele sempre vai estar lá por nós. Em tudo que eu faço sempre vai estar influenciando, né? Por exemplo, na escola, quando eu vou fazer alguma prova, eu sei que Ele vai estar comigo ali me ajudando a saber a fazer a prova e escolher as questões certas, de acordo com o que eu estudei, com o que eu me organizei. Acho que Ele vai estar ali comigo me ajudando a fazer as escolhas certas... (Elisa)

Fred apresentou uma perspectiva moldada pela educação religiosa recebida dos pais, vendo Deus como um salvador e companheiro constante: “Bom, desde pequeno, eu fui ensinado a fé cristã. Eu fui levado à igreja, então, eu creio que Jesus é o meu salvador, porque Ele tá sempre comigo...” (Fred)

Além disso, Fred destacou como a fé o auxilia emocionalmente em momentos de adversidade: “Tem adolescentes que ficam desesperados e tal, imagino que eu não tenho, assim, uma ausência de caminho a seguir, eu tenho uma cabeça mais firme, né?...”

O relato de Fred reflete como a religiosidade pode atuar como *coping* religioso, ou seja, uma estratégia emocional e espiritual que ajuda adolescentes a enfrentar desafios e neutralizar tensões, promovendo estabilidade e resiliência. Podemos observar que suas crenças religiosas o auxiliam a resolver desafios e neutralizam

possíveis sentimentos negativos e contextos de tensão. Essas atitudes religiosas que ajudam a lidar com a vida são designadas como *coping* religioso.¹⁵⁰

O envolvimento religioso do núcleo familiar pode promover união e reduzir desentendimentos, favorecendo o convívio no ambiente doméstico.¹⁵¹ Ao serem questionados sobre as práticas religiosas familiares, os participantes demonstraram gostar desses momentos realizados em conjunto.

Raíssa relatou que gosta desses momentos e, inclusive, gostaria de passar mais tempo em comunhão, principalmente com o pai:

Fazemos meditação juntos de manhã, normalmente eu e meu pai. Sexta-feira, temos o pôr-do-sol com toda família e vamos à igreja no sábado. Eu gosto muito desses momentos. Às vezes, queria que tivéssemos mais, mas entendo que o tempo deles é curto... Eu gosto desses momentos onde sempre aprendo algo novo e fico junto com eles. Gosto da forma como meu pai explica as coisas... (Raíssa)

Nicolas demonstrou um apreço similar, ainda que, inicialmente, nem sempre se sintia motivado:

A gente ora antes do almoço, antes de dormir. Às vezes, o meu pai faz devocional com a gente. Às vezes, bem de vez em quando, a gente lê um livro. E domingo a gente vai pra igreja. Gosto bastante dos momentos de devocional, porque é um momento que a gente tá em família, né? Tá todo mundo ali reunido. Tudo bem que de vez em quando, quando meu pai fala pra gente começar o devocional, às vezes eu tô meio cansado, tô meio mal-humorado, esse tipo de coisa. Na hora eu não quero fazer ali, mas quando eu pego o ritmo, aí já fica bem legal, porque a gente fala bastante. (Nicolas)

Stella ressaltou que os cultos familiares fortalecem tanto a fé quanto os laços familiares: "Gosto dos cultos familiares. A gente gosta de cantar, meu pai pega o violão, meu irmão ora... Isso fortalece muito tanto a nossa fé como a nossa família." (Stella)

O bem-estar subjetivo proporcionado pela vivência religiosa pode ser explicado por fatores como apoio social, senso de direção e sentido para a existência, além de fortalecer os vínculos familiares.¹⁵² Ao se perguntar aos adolescentes em

¹⁵⁰ FECURY, Amanda Alves et al. A prática da religiosidade como fator determinante para uma vida saudável: o caráter religioso como mantenedor da saúde física e mental. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, ano 5, ed. 3, v. 7, p. 69-79, mar. 2020. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/saude/pratica-da-religiosidade>. Acesso em: 20 jan. 2025. p. 74

¹⁵¹ FECURY, 2020, p. 76

¹⁵² FECURY, 2020, p. 76.

quem eles e elas buscam conforto quando precisam de orientação religiosa, a maioria respondeu na família, com algumas exceções:

Inicialmente, no meu pai. Se quero uma resposta mais aprofundada, faço uma pesquisa. Lembro de um verso de Êxodo, se não me engano, que falava sobre os direitos dos escravos. Tentei entender mais sobre essa escravidão. Inicialmente busquei meu pai, depois quis uma resposta mais aprofundada e fui pesquisar em comentários bíblicos e vídeos de teólogos... (Enzo)

Normalmente busco nos pais, sempre priorizo eles. (Raíssa)

A minha mãe e meu pai. Eles dois. Normalmente converso só com eles. (Nícolas)

Além de Deus, nos meus pais e nas pessoas em que eu confio... Então, graças a Deus, eu tenho uma rede de conforto muito grande, assim, por mais que eu me sinta sozinha às vezes, eu realmente tenho uma rede de apoio, que eu sei que posso contar com essas pessoas. (Stella)

Algumas vezes é em Deus. Outras vezes eu falo com meus pais. E outras vezes eu falo com os meus melhores amigos, que eu considero muito. Porque eu sei que dá pra confiar. (Guilherme)

Basicamente no meu pai. Pelo fato de ele estar sempre perto de mim, mas também porque eu confio nele. Tenho um bom relacionamento com ele, tem pessoas que não têm bons relacionamentos com os pais, né?! Eu tenho. Meu pai está sempre disposto a me aconselhar e os conselhos dele são sempre pautados na teologia. Ele sempre tem uma explicação pras coisas. Acho que é um meio termo o discurso dele, porque tem pastores que são meio superficiais, tem outros que aprofundam muito, acho que ele é na medida certa. Meu pai é sempre direto e com conteúdo. (Fred)

Como fico bastante tempo longe dos meus pais, quando preciso de opinião converso com meus colegas, peço bastante a opinião deles, tenho um colega que sabe bastante das coisas de Deus. As vezes pergunto pro professor de religião, que também é pastor. Quando estava em casa, ano passado, eu perguntava mais pra minha mãe e às vezes pro meu pai. (Emanuel)

Muitas das vezes é bem difícil eu procurar alguma ajuda, mas quando eu quero, eu procuro as professoras de escola dominical, que são tias pra mim. Quando eu tô mais mal, eu procuro falar com elas e tudo mais, mas na maioria das vezes eu, tipo, sou só eu sozinha, daí tento me acalmar. (Alice)

As percepções compartilhadas pelas pessoas participantes evidenciaram que a vivência religiosa está profundamente conectada às relações interpessoais e ao cotidiano. É notável a tendência de ter o pai e a mãe como figuras de apoio religioso, mesmo durante a adolescência, o que reflete a influência significativa da religiosidade familiar no desenvolvimento espiritual. Também houve diferenças individuais, com alguns recorrendo a fontes externas de apoio por motivos variados, demonstrando que sempre haverá nuances específicas entre as pessoas adolescentes, refletindo os diferentes contextos que as ajudam a estruturar a fé.

As respostas também evidenciam a busca por autonomia e experiências pessoais na prática da fé, alinhando-se às reflexões de AmatuZZi e Fowler sobre a necessidade de uma religiosidade autêntica e individual.

Além disso, os relatos mostram como a religiosidade pode atuar como um recurso emocional e social, fornecendo apoio em momentos difíceis, fortalecendo vínculos familiares e dando sentido à existência. Essa vivência integrada reforça o papel do *copiing* religioso no enfrentamento dos desafios da vida, ao mesmo tempo que promove bem-estar subjetivo e crescimento espiritual. A religiosidade é um fenômeno dinâmico e multifacetado, que combina influências externas com experiências pessoais.

4 FAMÍLIAS PASTORAIS

Neste capítulo, será apresentada uma análise sobre a singularidade do trabalho pastoral e as implicações desse ministério para a família. Família que frequentemente ocupa uma posição de visibilidade e desperta curiosidade entre a membresia da igreja, mesmo sendo composta por seres humanos comuns. Também será apresentada a perspectiva das pessoas entrevistadas sobre o pertencimento na família pastoral.

4.1 O TRABALHO PASTORAL

Nakano afirma que definir a ocupação de pastor ou pastora é uma tarefa complexa e desafiadora. No âmbito religioso, apenas associar o termo "igreja" ao conceito de trabalho, considerar o ministério como uma ocupação formal e o pastor ou a pastora como um(a) trabalhador(a)/profissional já representa, por si só, um grande desafio. Assim como qualquer outra carreira, o ministério pastoral possui particularidades que o distinguem. É importante observar que existem pastores e pastoras atuando no ensino teológico em instituições como faculdades e seminários; outros e outras envolvidos(as) em áreas específicas de capelania (escolar, hospitalar, entre outras); alguns e algumas dedicados(as) à gestão administrativa de denominações; e a maioria empenhada no pastoreio de comunidades locais ou igrejas. Dessa maneira, a função pastoral reúne uma liderança com um caráter institucional, semelhante ao papel desempenhado por gestores(as) corporativos(as) ou diretores(as) escolares. Simultaneamente, essa função carrega uma dimensão vocacional, representando a ideia de "a voz de Deus" manifestada no contexto terreno.

Conforme Silva e Holanda¹⁵³, há uma espécie de sacralização do trabalho pastoral, tanto por parte dos próprios líderes religiosos quanto das estruturas e dos fiéis: "A vocação para o trabalho pastoral não possui apenas um aspecto humano, mas se entrelaça com uma missão divina à qual o indivíduo deve se submeter, conferindo um sentido diferenciado ao trabalho".¹⁵⁴

¹⁵³ SILVA; HOLANDA, 2008, p. 382 apud NAKANO, 2017, p. 29.

¹⁵⁴ NAKANO, 2017, p. 28-29.

Ellen White escreveu que o pastor ocupa, perante a congregação, o papel de intérprete divino, sendo responsável por refletir os princípios de Deus em seus pensamentos, palavras e ações.¹⁵⁵ A autora apresenta também que este é um trabalho que só poderá ser realizado com o auxílio do Espírito Santo e que, para isso acontecer, o pastor deverá estar constantemente pedindo e dependendo do auxílio Divino.¹⁵⁶ Para guiar as pessoas à fonte de vida, a pessoa pregadora precisa primeiro saciar-se nela. Ela deve compreender o sacrifício imensurável feito pelo Filho de Deus para resgatar a humanidade caída, permitindo que seu coração transborde com o espírito do amor infinito. Ellen White diz que o serviço pastoral exige muito mais vigor, zelo e dedicação do que qualquer atividade comercial, pois sua natureza é infinitamente mais sagrada e seus resultados, eternamente mais relevantes¹⁵⁷ Ser pastor envolve uma preparação contínua, pois, segundo a autora, é uma luta árdua e diária contra hábitos enraizados, inclinações naturais e tendências hereditárias. A autora apresenta que é necessário guardar e subjugar o ego, para manter Cristo em evidência e o "eu" em segundo plano, o que demanda esforço constante, vigilância e dedicação ininterrupta.¹⁵⁸

Levando em consideração as atribuições apresentadas por Ellen White, fica evidente que a atuação pastoral possui diversas características únicas. Nakano ressalta que, diferentemente de outras ocupações, que geralmente começam com um processo seletivo, concurso público, formação acadêmica ou estágio, o ministério pastoral tem início com um chamado ou uma convocação divina. Essa vocação é a essência que permeia todas as ações subsequentes.¹⁵⁹ Jonas e Raquel Arrais destacam que o pastoreio não deve ser encarado como uma alternativa ou uma opção final para quem falhou em outros campos da vida, mas como o único caminho a seguir.¹⁶⁰

¹⁵⁵ WHITE, Ellen G. **Orientação da criança**. Casa Publicadora Brasileira, 1996. p. 20.

¹⁵⁶ WHITE, Ellen G. **Ministério pastoral**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2018. p. 32.

¹⁵⁷ WHITE, Ellen G. **Testemunhos para a igreja**. Vol.4. Casa Publicadora Brasileira, 2007. p. 442.

¹⁵⁸ WHITE, 2007, p. 376.

¹⁵⁹ NAKANO, 2017, p. 29.

¹⁶⁰ ARRAIS, Jonas; ARRAIS, Raquel. **Alegrias e desafios da família pastoral**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2019. p. 79.

4.2 FAMÍLIA PASTORAL

Falando a respeito da família pastoral, Torres apresenta uma citação de Nancy Dusilek: “A família do pastor é como aqueles manequins que estão sempre na vitrine das lojas. Os transeuntes passam; olham, gostam ou não gostam, enquanto outros são indiferentes”¹⁶¹ Esses constantes olhares refletem o que Valim¹⁶² aponta: a comunidade de fé, na maior parte das ocasiões, não percebe que a humanidade dos líderes espirituais é uma realidade concreta. Assim, as famílias pastorais estão sujeitas às mesmas circunstâncias da existência humana e não estão alheias ao contexto social em que estão inseridas.

Contudo, há quem acredite que os desafios da sociedade não atingem as famílias pastorais, que estas não enfrentam dificuldades e que, de certo modo, não estão conectadas a este mundo, estando sob uma proteção especial e direta de Deus, como se eventos negativos não pudessem alcançá-las. Na realidade, as famílias pastorais não estão isentas dos problemas e das dificuldades atuais da sociedade.¹⁶³

Estanislau apresenta que a congregação frequentemente deposita grandes expectativas na família pastoral. Essas expectativas, muitas vezes, representam um ideal inatingível de perfeição, harmonia e felicidade. Compreende-se que a congregação projeta frequentemente na família pastoral um ideal que almeja viver. Contudo, não reconhecem que tal ideal é inatingível, pois representa um padrão de perfeição, harmonia e felicidade que está além da capacidade humana. A congregação frequentemente enxerga a família pastoral como se fossem "semideuses na terra". Muitos buscam imitá-los, mas, ao se aproximarem, se deparam com falhas e limitações inerentes à condição humana. Segundo a autora, o problema está na expectativa de que o pastor seja uma figura divina, em vez de um guia que conduza os fiéis ao Criador.¹⁶⁴

¹⁶¹ TORRES, Tânia M. Lopes. **Agridoce**: a vida da esposa de pastor. Belo Horizonte: Edição do Autor, 2009. p. 99.

¹⁶² BUHR, 2013, p. 111 apud VALIM, Cinara Costa de Souza; BUHR, João Rainer. Uma análise dos desafios das famílias envolvidas no ministério pastoral. Curitiba, **Revista Cógno**, v. 1:2, 2019, p. 73.

¹⁶³ VALIM; BUHR, 2019, p. 73.

¹⁶⁴ ESTANISLAU, Milca Letícia de Souza. **Família pastoral**: conflitos e caminhos entre a vocação pastoral na dimensão individual e familiar. 2015. 178 p. Monografia (Especialização em Terapia Familiar e de Casal: Intervenções Sistêmicas em Diferentes Contextos: Psicoterapia e Orientação) - Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015, p. 47

Outro problema ocorre quando a família, na tentativa de atender às demandas da igreja, se esforça para satisfazer a qualquer custo as expectativas da comunidade e o faz em busca de aceitação, acolhimento, aprovação e validação pessoal.¹⁶⁵

Estanislau apresenta que há diversidade de opiniões entre os estudiosos acerca da questão de a família pastoral ser ou não igualmente vocacionada. Alguns defendem que o chamado é destinado exclusivamente ao pastor ou à pastora, enquanto outros acreditam que toda a família pastoral compartilha do chamado. Gaby¹⁶⁶ apresenta que a família do pastor ou da pastora não possui, necessariamente, um chamado para servir à igreja e, por isso, tanto o cônjuge quanto os filhos não devem ser vistos como uma extensão do ministério do pastor ou da pastora. Ele argumenta que o cônjuge é um parceiro ou parceira de vida para o pastor ou para a pastora, assim como os filhos e as filhas são parte de sua estrutura familiar, mas não parceiros ministeriais, traçando um paralelo com outras profissões nas quais a família não está diretamente envolvida. Além disso, ele destaca que o salário oferecido ao pastor ou à pastora, em geral, reflete apenas seu trabalho pessoal, e não o da família, o que leva à conclusão de que a congregação deve esperar resultados apenas do pastor ou da pastora.

Apesar disso, Gaby¹⁶⁷ reconhece que há casos em que o cônjuge e os filhos e as filhas do pastor ou da pastora sentem um chamado divino para contribuir significativamente com o ministério pastoral. Ele também aponta que, se a família colaborar, o ministério pode se tornar mais completo. Entretanto, para as demais esposas e filhos e filhas que não possuem esse chamado, ele defende que estes são membros comuns da igreja e, portanto, também necessitam ser pastoreados e acolhidos. A contribuição da família pastoral, portanto, deve ser vista como opcional, e não como uma imposição.¹⁶⁸

Quaresma¹⁶⁹ sugere que essa questão seja tratada com sensibilidade, levando em consideração que, antes de assumir qualquer função, a esposa ou o esposo do pastor e os filhos ou as filhas devem ser vistos como servos e servas do Senhor, independentemente de terem ou não um chamado ministerial. A família

¹⁶⁵ ESTANISLAU, 2015, p. 47.

¹⁶⁶ GABY, 2007 apud ESTANISLAU, 2015.

¹⁶⁷ GABY, 2007 apud ESTANISLAU, 2015.

¹⁶⁸ ESTANISLAU, 2015, p. 38

¹⁶⁹ QUARESMA, 2013 apud ESTANISLAU, 2015.

precisa esclarecer para a congregação suas intenções e limites. Isso ajuda a igreja a acolher a família pastoral com sabedoria, promovendo seu crescimento dentro da comunidade. Vieira alerta que, quando a família assume responsabilidades por obrigação ou sob pressão, isso pode gerar sentimentos negativos como angústia e revolta, prejudicando tanto a si mesma quanto o ministério.¹⁷⁰

Vieira¹⁷¹ apresenta dois possíveis cenários diferentes: no primeiro, a esposa ou o esposo sente um chamado para o ministério, se capacita e auxilia efetivamente o trabalho pastoral. No segundo, não há esse chamado, mas o cônjuge aceita, diante de Deus, apoiar o parceiro ou a parceira em sua vocação, oferecendo suporte emocional e familiar, mesmo sem assumir papéis na igreja.

Estanislau apresenta também Santana, outro teórico que defende a ideia de que a família pastoral também é vocacionada. Ele considera que cônjuges e filhos e filhas podem contribuir ativamente para o ministério, seja por meio de orações, intercessões ou participações diretas. Mello¹⁷² acrescenta que a família do pastor ou da pastora faz parte do chamado divino, mas deve atuar de acordo com seus dons e habilidades, sem se sobrecarregar com tarefas para as quais não tem aptidão.¹⁷³

O casal Arrais ressalta a importância de saber administrar as expectativas em torno da família pastoral. É necessário descartar as expectativas que são irrelevantes, identificando as prioridades e organizando o restante de forma adequada. Isso contribuirá para prolongar tanto a vida quanto a atuação da parceria no ministério em conjunto. Essa perspectiva de um ministério compartilhado varia conforme o contexto e as características individuais.¹⁷⁴

Arrais apresenta também que há, pelo menos, quatro facetas de um chamado ministerial: chamado específico, chamado geral, chamado inesperado e chamado impessoal. Cada tipo reflete diferentes maneiras de os cônjuges e os filhos ou as filhas se envolverem no ministério pastoral.¹⁷⁵

Chamado específico: Refere-se a casais que vivenciaram um direcionamento claro para desenvolverem seu próprio ministério. Eles acreditam que foram escolhidos

¹⁷⁰ ESTANISLAU, 2015, p. 39-40.

¹⁷¹ VIEIRA, 2009 apud ESTANISLAU, 2015.

¹⁷² MELLO, 2007, p. 27 apud ESTANISLAU, 2015.

¹⁷³ ESTANISLAU, 2015, p. 43

¹⁷⁴ ARRAIS; ARRAIS, 2019, p. 10.

¹⁷⁵ ARRAIS; ARRAIS, 2019, p. 19.

por Deus para serem pastor e esposa de pastor. Esse tipo de vocação específica capacita o casal a assumir as responsabilidades exigidas pelas funções ministeriais. Estão preparados para se engajar, atuando de maneira integrada no ministério conjunto.

Chamado geral: Abrange aqueles e aquelas que sentem que Deus os ou as chamou para o serviço ministerial, embora ainda não saibam em qual área atuar. Assim como no chamado específico, têm confiança sobre sua missão e estão preparados para servir, mesmo que não necessariamente como pastor ou esposa ou esposo de pastor. Permanecem abertos e abertas a qualquer papel que Deus os ou as designar.¹⁷⁶

Chamado inesperado: Manifesta-se quando um dos cônjuges, antes envolvido em uma profissão não ministerial, percebe um chamado para o ministério. Essa mudança de carreira pode gerar incertezas sobre o lugar do casal nesse novo cenário, levando-os, às vezes, a se sentirem inadequados. Em alguns casos, um dos cônjuges pode não estar preparado para essa nova função, mas ambos seguem confiando na fé, acreditando que Deus os convocou, não individualmente, mas como uma dupla ministerial.¹⁷⁷

Chamado impessoal: Envolve esposas que não reconhecem um chamado específico para o ministério. Para elas, o pastorado é visto como uma responsabilidade exclusiva do cônjuge, o que pode gerar dificuldades tanto no ministério quanto no relacionamento conjugal. Essas pessoas geralmente não desejam participar ativamente no trabalho ministerial do parceiro e podem resistir a se envolver, preferindo oferecer apoio à distância. Muitas vezes, lamentam o fato de o cônjuge exercer o papel de pastor.¹⁷⁸

Embora essas dimensões do chamado mencionem apenas o pastor ou a pastora e a esposa ou o esposo, podemos incluir também os filhos e as filhas, visto que cada um e cada uma pode perceber a sua vocação de maneiras diferentes.

Ellen White apresenta que a espiritualidade de sua família deve ser a prioridade do pastor e que todo o cuidado familiar não deve estar em segundo plano diante das responsabilidades exteriores. A autora enfatiza que nenhum grande feito

¹⁷⁶ ARRAIS; ARRAIS, 2019, p. 19.

¹⁷⁷ ARRAIS; ARRAIS, 2019, p. 19.

¹⁷⁸ ARRAIS; ARRAIS, 2019, p. 19.

realizado para outras pessoas será suficiente para compensar a obrigação que o pastor tem perante Deus no cuidado de seus próprios filhos.¹⁷⁹ Ela ressalta que a felicidade de indivíduos e o sucesso da igreja estão profundamente ligados à qualidade da influência proveniente do lar. Para ela, os interesses eternos estão intrinsecamente conectados ao cumprimento adequado das tarefas e responsabilidades cotidianas. White também destaca que o mundo precisa menos de intelectuais brilhantes e mais de pessoas virtuosas.¹⁸⁰ O impacto positivo que o pastor causa na vida alheia não o isenta da responsabilidade que possui diante de Deus em relação ao cuidado com seus filhos.¹⁸¹

De acordo com White, o ministro ou a ministra comprometida com a obra do evangelho deve demonstrar lealdade e dedicação em sua vida familiar. Enquanto pai ou mãe, deve aprimorar os dons que Deus lhe concedeu, com o propósito de fazer de seu lar uma representação da família celestial. Da mesma forma, deve utilizar essas habilidades no ministério pastoral para guiar pessoas à comunhão com a igreja e com Deus.¹⁸²

Brian e Cara Croft discutem a tendência de medir a grandeza de um evangelista ou de uma evangelista por critérios como número de pessoas convertidas durante o ministério, o impacto na história, a quantidade de igrejas fundadas ou até mesmo a quantidade de obras publicadas. Embora esses parâmetros sejam pertinentes para os padrões atuais, os autores argumentam que, segundo as definições bíblicas de grandeza e fidelidade, os critérios são diferentes. O casal de autores cita Marcos 10:43, destacando que, para ser grande, o pastor ou a pastora deve ser servo ou serva.¹⁸³

Os autores também alertam sobre a tensão quanto à desconexão cultural entre o sucesso público no ministério e a vida familiar privada. Algumas pessoas sacrificam a família no altar de seus ministérios, algo frequentemente ignorado na cultura eclesiástica¹⁸⁴. Segundo Croft, servir à igreja e cuidar da família são

¹⁷⁹ WHITE, 1996, p. 204.

¹⁸⁰ WHITE, Ellen G. **Educação**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008. p. 182.

¹⁸¹ WHITE, Ellen G. **Ministério Pastoral**. conselho aos pastores adventistas. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015. p. 85.

¹⁸² WHITE, 2015, p. 89.

¹⁸³ CROFT, Brian; CROFT, Cara. **The Pastor's Family**: Shepherding Your Family Through the Challenges of Pastoral Ministry. Zondervan, 2013, p. 19.

¹⁸⁴ CROFT, 2013, p. 24.

responsabilidades que não estão em competição; pelo contrário, são complementares. Para eles, um lar saudável reflete o poder transformador do evangelho e fortalece o testemunho de um pastor ou de uma pastora.¹⁸⁵

A busca pelo equilíbrio, no entanto, é constantemente desafiada pela natureza do ministério pastoral, em que as necessidades da igreja frequentemente parecem urgentes e intermináveis. Ainda assim, negligenciar a família pode levar a consequências profundas, não apenas no lar, mas também no próprio ministério.¹⁸⁶

Cara e Brian Croft alertam para o perigo de deixar que as percepções externas governem as decisões familiares. Quando a aparência se torna mais importante do que a realidade, pastores e pastoras correm o risco de esconder lutas reais e não buscar ajuda para problemas que, inevitavelmente, surgem em qualquer família. Essa abordagem pode criar um ambiente de superficialidade e desconexão, tanto na igreja quanto no lar, minando o propósito do chamado pastoral.¹⁸⁷

Azevedo complementa essa visão ao afirmar que a família é o lugar ideal para as pessoas se desenvolverem, pois é ali que diferentes indivíduos convivem sem máscaras e estão em constante transformação. Ele enfatiza que, assim como não há pessoas perfeitas, não há como existir famílias perfeitas.¹⁸⁸

4.3 FILHOS E FILHAS DE PASTORES

Assim como alguns filhos e filhas de policiais podem se tornar pessoas delinquentes e filhos e filhas de professores podem abandonar os estudos, descendentes de pastores também podem se tornar ateus. Não existem garantias de que os e as descendentes escolherão para a vida a mesma religião que seus progenitores, visto que o relacionamento espiritual é algo que cada pessoa precisa desenvolver por si mesma. Independentemente das ações familiares, os filhos e as filhas têm liberdade para tomar suas próprias decisões. É necessário levar em consideração a individualidade de cada pessoa, evitando generalizações, e isso deve acontecer até mesmo dentro de casa, na tentativa de garantir um relacionamento mais profundo e singular. Arrais apresenta que, embora os pais não possam garantir a

¹⁸⁵ CROFT, 2013, p. 108.

¹⁸⁶ CROFT, 2013, p. 30.

¹⁸⁷ CROFT, 2013, p. 33.

¹⁸⁸ AZEVEDO, Israel Belo de. **O mito da família perfeita**. São Paulo: Hagnos, 2010. p. 17.

salvação dos filhos, podem minimizar as influências externas que prejudicam a percepção das crianças sobre a igreja e sobre si mesmas.¹⁸⁹

Por outro lado, Valim alerta que não é possível educar uma criança ou adolescente sob uma aura de santidade que os impeça de agir de forma comum ou de se comportar de acordo com as características típicas de sua idade.¹⁹⁰ Moreira reforça essa ideia ao escrever sobre sua experiência como filha de pastor, afirmando que, se seu pai ocupasse a posição de professor, atuasse como engenheiro ou desempenhasse qualquer outra ocupação, sua esfera privada jamais estaria conectada diretamente à sua função profissional. Contudo, no caso de pastores, geralmente ocorre o oposto, visto que a esfera pessoal e a missão ministerial estão intrinsecamente entrelaçadas, especialmente no que se refere ao comportamento do líder religioso. Segundo a autora, isso ocorre porque a postura de vida do pastor é vista como o principal modelo para os membros da congregação.¹⁹¹

Estanislau observa que frequentemente toda a família desempenha e assume um papel e comportamento previamente definidos pela comunidade religiosa. Essas crianças e adolescentes são geralmente percebidos como indivíduos ideais, em vez de pessoas reais, com suas próprias particularidades, vontades, realidades e necessidades.¹⁹² Isso gera em alguns filhos e filhas de líderes religiosos um ressentimento profundo em relação à própria família, aos membros da congregação, à estrutura da igreja e, às vezes, a Deus. Esse sentimento pode ser resultado das elevadas expectativas impostas sobre eles pela congregação e, principalmente, pela própria família.¹⁹³

Moreira relata que ter crescido sob constante observação foi e ainda é um fardo pesado, pois percebe que esses olhares atentos para cada uma de suas ações não são para torcer por seu êxito, mas para esperar qualquer deslize, a fim de acusar e apontar suas falhas como filha de pastor.¹⁹⁴ Além disso, é comum que filhos e filhas sintam que não são importantes para suas famílias, já que, embora seus responsáveis passem muito tempo escutando e acolhendo outras pessoas, dificilmente têm

¹⁸⁹ ARRAIS; ARRAIS, 2019, p. 143.

¹⁹⁰ VALIM; BUHR, 2019, p. 75

¹⁹¹ MOREIRA, Helem Priscila Alves Santos. **Filhos de pastor: revoltas e triunfos**. Brasília: da autora, 2018. p. 27.

¹⁹² ESTANISLAU, 2015, p. 55.

¹⁹³ ARRAIS; ARRAIS, 2019, p. 114.

¹⁹⁴ MOREIRA, 2018, p. 129.

disposição para fazer o mesmo dentro do lar. Esse ressentimento se agrava, principalmente, pela falta de separação clara entre a vida familiar e a eclesiástica, em que o tempo destinado à família é frequentemente consumido pelas demandas da congregação.¹⁹⁵ Estanislau também destaca que a família pastoral geralmente não possui um pastor ou conselheiro que os ajude nas suas necessidades espirituais e emocionais. Enquanto a família se dedica a resolver questões da comunidade, raramente há alguém que os acolha ou os guie.¹⁹⁶

Torres apresenta que há uma série de fatores intrincados que se interligam e colaboram para o fortalecimento da espiritualidade entre os jovens, como a prática devocional no ambiente familiar, o nível de alinhamento com os princípios da igreja, a espiritualidade dos círculos de amizade e a dedicação ao serviço como um propósito de vida. Além disso, ela ressalta que igrejas tolerantes, animadas, carinhosas e que evocam desafios intelectuais para os jovens aumentam a probabilidade de que os jovens membros da igreja queiram se comprometer.¹⁹⁷

Por outro lado, as constantes transições entre igrejas e cidades podem ser um ponto sensível para a família pastoral. Por um lado, pode ser um momento de recomeço e uma oportunidade de conhecer novas pessoas, mas algumas pessoas sentem o impacto das mudanças de forma negativa, devido às perdas significativas, rompimento com amigos e amigas, ambiente escolar e até mesmo com a família estendida.¹⁹⁸

Com frequência, descendentes de pastores podem perceber incoerências entre o que é falado no púlpito para a congregação e o comportamento familiar no lar. Quando isso acontece, esses jovens podem se sentir desencantados, considerando a fé uma encenação, o que pode afastá-los tanto da igreja quanto da família, pois não testemunham uma vivência genuína com a mensagem que é transmitida pela família na igreja. No entanto, Arrais observa que, quando a família demonstra dependência da graça divina e é sincera sobre suas fragilidades, os filhos e as filhas testemunham um exemplo prático de misericórdia, graça e transformação.¹⁹⁹

¹⁹⁵ ARRAIS; ARRAIS, 2019, p.115.

¹⁹⁶ ESTANISLAU, 2015, p. 56.

¹⁹⁷ TORRES, 2009, p. 97.

¹⁹⁸ ESTANISLAU, 2015, p. 56.

¹⁹⁹ ARRAIS; ARRAIS, 2019, p. 131.

Trotman destaca que, apesar dos desafios, existem benefícios em crescer como filhos e filhas de pastores. Normalmente, essas crianças crescem em um contexto cristão e em um lar que, geralmente, valoriza o estímulo ao aprendizado acadêmico. Além disso, recebem incentivo familiar e da congregação para se desenvolverem em diversos aspectos, com muitos membros da igreja demonstrando apoio e proteção a essas crianças.²⁰⁰

Contudo, ao relatar sobre sua experiência, Moreira ressalta que ser filha de pastor envolve viver em uma linha impecável, na qual cometer erros é quase inadmissível. Ela explica que filhos e filhas de pastores são aqueles que não podem tomar decisões próprias ou sequer expressar os desejos, porque sempre há uma multidão os observando atentamente. Além disso, conforme se desenvolvem, recebem muitas responsabilidades e esperam, no mínimo, que conheçam as Escrituras profundamente, saibam orar, cantar e pregar, sendo vistos como recurso de emergência para diversas situações. Ela apresenta que os e as descendentes de pastores são aqueles e aquelas cujas vidas estão expostas para todos na igreja, sujeitos a comentários e julgamentos constantes, especialmente quando as escolhas não coincidem com as expectativas alheias. Muitas vezes, estão exaustos e exaustas de tantas mudanças — de um lugar para outro, de uma cidade para outra — e de ter que refazer laços de amizade repetidamente. Suas casas podem estar constantemente cheias e o conceito de privacidade não faz parte da vivência. Segundo a autora, esse grupo vive diversas incoerências, levando em consideração que, com frequência, vestem roupas mais simples e comem alimentos modestos, enquanto muitas pessoas ainda os percebem como pessoas ricas e privilegiadas. A autora conclui afirmando que o que os filhos e as filhas de pastores desejam é serem tratados e tratadas como pessoas comuns, seres humanos, com identidade própria, sonhos, sentimentos e com nome.²⁰¹

Essa constante exposição também contribui para a banalização do sagrado. Segundo Moreira, para um filho ou filha de pastor, tudo parece apenas habitual. Torna-se comum ir à igreja, corriqueiro participar dos rituais sagrados, rotineiro estar engajado nas atividades da congregação. Contudo, a autora apresenta que o

²⁰⁰ TROTMAN, Gloria Lindsey. **Ao lado dela**: Como o pastor pode apoiar a sua esposa. São Paulo: União Central Brasileira, 2012. p. 26.

²⁰¹ MOREIRA, 2018, p. 17.

problema de algo se tornar habitual é que, frequentemente, perde-se o seu verdadeiro significado, resultando no desdém e na trivialização do que é sagrado.²⁰²

Gaby²⁰³ sintetiza em três fatores aos quais os filhos e as filhas de pastores podem estar propensos a enfrentar:

1. Negligência parental;
2. Manejo inadequado por parte da congregação e, ocasionalmente, dos próprios genitores;
3. Exigências desproporcionais e expectativas inalcançáveis por parte da comunidade de fé.

Diante desse volume excessivo de exigências, idealizações, sacrifícios, frustrações e ausências, os filhos e as filhas de líderes religiosos acabam aprendendo a viver de maneira combativa, esforçando-se para afirmar seu lugar. Buscam ser autênticos e se reconhecerem como indivíduos comuns em meio à coletividade. Contudo, essa luta por autenticidade muitas vezes resulta em julgamentos severos, levando muitos deles a serem rotulados como rebeldes, desviados ou mal-educados.²⁰⁴

Gaby²⁰⁵ destaca a necessidade de amor e acolhimento por parte da igreja e oferece conselhos à congregação sobre como lidar com os filhos e as filhas de pastores. Ele sugere:

- a) Não ser excessivamente rigorosa com os filhos e as filhas do pastor (isso não implica ser permissiva, mas tratá-los da mesma maneira que desejariam que seus próprios filhos e suas próprias filhas fossem tratados);
- b) Demonstrar consideração e respeito por eles e elas;
- c) Proteger as crianças e adolescentes do impacto das pressões enfrentadas pelo pastor em seu ministério;

²⁰² MOREIRA, 2018, p. 63.

²⁰³ GABY, 2007, apud ESTANISLAU, 2015, p. 56.

²⁰⁴ ESTANISLAU, 2015, p. 57.

²⁰⁵ GABY, 2007 apud ESTANISLAU, 2015.

d) Evitar transformá-los em padrões de perfeição ou "pequenos pastores e pequenas pastoras", promovendo momentos de alegria e estímulos positivos para suas vidas.²⁰⁶

4.4 PERCEPÇÃO DAS PESSOAS ENTREVISTADAS

Ao serem questionados sobre o momento de culto familiar, todos os participantes expressaram apreço por estes momentos. O relatório da Pesquisa Global dos Membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia nos anos de 2018 e 2023²⁰⁷ destaca que refletir e orar em família fortalece e estimula uma conexão mais profunda entre os membros da família, pois permite a criação de memórias significativas e o estabelecimento de tradições.

Stella comenta: "Eu acho que é ótimo ter os momentos de culto. Porque isso fortalece tanto a nossa fé como a nossa família."

Natanael reforça: "Gosto bastante, porque é um momento que a gente tá em família, né? Tá todo mundo ali reunido."

Raíssa, por sua vez, expressa o desejo de vivenciar mais momentos dedicados ao culto em família e ao estudo bíblico, mas reconhece as dificuldades impostas pela rotina pastoral de seus pais:

Eu gosto muito. Às vezes, queria que tivéssemos mais momentos de culto familiar, mas entendo que o tempo deles é curto. Minha maior vontade é fazer estudo bíblico com meu pai, mas é difícil de conciliar. A gente até agenda, se programa pra fazer isso, mas sempre surge alguma emergência que ele tem que desmarcar. Eu gosto desses momentos onde sempre aprendo algo novo e fico junto com eles. Gosto da forma como meu pai explica as coisas da Bíblia.

A rotina do pastor é marcada pela ausência de horários fixos e por uma alta demanda de responsabilidades, o que frequentemente lhe dá a sensação de estar sempre à disposição da igreja. Frequentemente, essa alta demanda da igreja concorre com as necessidades da própria família, que acabam sendo relegadas a segundo

²⁰⁶ ESTANISLAU, 2015, p. 57.

²⁰⁷ FORTALECIMENTO dos laços familiares: o poder do culto familiar diário. **Adventist Research**, 8 maio 2024. Disponível em: <https://www.adventistresearch.info/pt-br/strengthening-family-bonds-the-power-of-regular-family-worship/>. Acesso em: 20 jan. 2025.

plano. Estabelecer limites claros para o ministério é um dos grandes desafios enfrentados pelos pastores.

Esse desafio pode ter origem nas demandas da igreja, no senso de dever divino ou, em alguns casos, na busca por reconhecimento e realização pessoal. Alguns líderes se dedicam intensamente ao avanço da comunidade, sacrificando o cuidado familiar em prol dos objetivos ministeriais. O ministério pastoral, portanto, exige não apenas uma vocação genuína, mas também discernimento para não sucumbir aos encantos e desafios inerentes à função. Ele pode ser comparado a uma faca de dois gumes: enquanto pode promover crescimento e satisfação pessoal, também pode se tornar nocivo e prejudicial. Em ambos os casos, as consequências recaem inevitavelmente sobre a família pastoral.²⁰⁸

Ranginha observa que as demandas sociais impostas aos filhos e às filhas de pastores na comunidade religiosa possuem um caráter ambíguo: por um lado, há um reconhecimento e status, destacando-os e as dentro da congregação; por outro, um aspecto negativo, dado que, sendo mais observados, enfrentam expectativas e cobranças mais rigorosas quanto ao seu comportamento, resultantes justamente desse destaque.²⁰⁹ Esse duplo aspecto é evidente nas falas de Nicolás e Enzo, que expressam sentimentos ambivalentes em relação à experiência de serem filhos e filhas de pastores.

Nicolás reflete sobre os privilégios e desafios associados à sua posição:

Eu tenho meu privilégio, né? Porque eu não entendo tanto das coisas, mas... Mas eu entendo bastante, até às vezes mais que os outros. Eu acredito que eu tenho mais facilidade de entender as coisas do que os outros, mesmos tendo um pouco de dificuldade. Mas eu acho que a coisa mais engraçada que acontece comigo é quando descobrem que eu sou filho de pastor. E aí, qualquer coisa que acontece comigo, eles estão falando. Nicolás, você não era da igreja? Olha, o santinho passando ali, filho de pastor. Até o Nicolás, que é filho de pastor, faz isso, faz aquilo. Quanto as minhas decisões, eu acho que influenciam um pouco. Por exemplo, eu não posso ficar falando das coisas do meu pai, porque justamente ele é pastor. Eu não posso ficar soltando por aí o que meu pai fala em casa, o que ele faz. (Nicolás)

Enzo compartilha uma visão semelhante, destacando os benefícios e as pressões que acompanham:

²⁰⁸ ESTANISLAU, 2015, p. 37.

²⁰⁹ RANGINHA, 2015, p. 51.

Acho muito bom ser filho de pastor em alguns aspectos, tenho muitos privilégios, principalmente na escola e no âmbito social com as pessoas da igreja. Na escola sempre pareço estar à frente das coisas, as pessoas têm mais confiança em mim. Mas tem alguns pontos que sempre sinto que eu tenho uma reputação a zelar, e a questão de mudanças frequentes também. Sabe aquele negócio de "filho de pastor pode fazer isso?" É mais nesse âmbito, você é filho de pastor fazendo tal coisa, que às vezes acaba sendo bem chato. (Enzo)

A itinerância, característica comum da vida pastoral, também é apontada como um fator desafiador. Estanislau observa que as mudanças frequentes podem levar a uma sensação de falta de raízes²¹⁰, dificultando a identificação com as comunidades.²¹¹ Além disso, pode tornar as relações familiares mais vulneráveis, agravadas pelos desafios de formar conexões duradouras ou de confiar nas amizades estabelecidas.²¹²

Emanuel reforça esse ponto, mas também reconhece os aspectos positivos de conhecer novas pessoas:

Ser filho de pastor é bem legal... Uma dificuldade que eu acho em ser filho de pastor é a questão da mudança, ficar mudando a cada 4 anos. O primeiro ano você está se adaptando em algum lugar, no segundo ano você já está se encaixando melhor, você já está mais tranquilo, no terceiro ano também. Aí quando chega o quarto ano, você vai se mudar e tem que começar tudo de novo, do zero. Eu acho isso bem complicado. Mas eu entendo outras coisas que são muito boas da mudança, porque se eu não tivesse me mudado pra onde estou agora, eu não teria conhecido os amigos daqui que eu gosto, tenho amizades muito boas. Então tem coisas boas, tem coisas ruins, mas é o que tem. (Emanuel)

Na fala de Nicolás, apresentada anteriormente, fica perceptível a questão dos constantes olhares direcionados à família pastoral e o cuidado que ele tem para zelar pela imagem da família. Stella reforça essa ideia ao descrever como os filhos e as filhas de pastores são percebidos na comunidade:

Quando as pessoas sabem que você é filho de pastor, eles veem a gente como um santo, né? Que a gente não pode fazer isso, a gente não pode fazer aquilo, parece que a gente nem ser humano é. A nossa família é como se fosse a vitrine, o meu pai usa essa expressão, a gente tá na vitrine, então todo mundo tá cuidando da gente. Eu sou um ser humano, eu sou uma pecadora, então eu vou falhar. Mas assim, esses meus erros podem impactar na nossa família pastoral, e também na visão dos outros, eles vão me julgar, entende? (Stella)

²¹⁰ ESTANISLAU, 2015, p. 52.

²¹¹ ESTANISLAU, 2015, p. 175.

²¹² RANGINHA, 2015, p. 25.

A fala de Nícolas e Stella vai de encontro ao que Valim afirma, de que a humanidade do pastor e de sua família frequentemente não é reconhecida por algumas pessoas, com alguns membros da congregação demonstrando resistência em aceitar suas falhas ou compreender que também estão sujeitos às vicissitudes da vida. Assim como qualquer outra família, a família pastoral está inserida no contexto social e enfrenta as mesmas complexidades e desafios, embora frequentemente sob uma pressão muito maior.²¹³ Raíssa demonstra que, para ela, houve um momento de transição em que compreendeu mais profundamente o que significa ser filha de pastor, e essa compreensão trouxe mais sentido à sua experiência.

No começo, quando eu era mais criança, acho que não entendia muito bem o que era ser filha de pastor. Então, era bem tranquilo. Acho que nos meus 12 anos, comecei a entender a pressão que os membros colocam na gente e o que ser filha de pastor significa. Às vezes dá uma revolta. Pensava: "Por que estão cobrando isso tudo de mim, se eu nem pedi pra ser filha de pastor?" Mas, aos 15 anos, quando entendi o ministério do meu pai e conversei com ele, ouvindo porque ele faz isso e como vejo ele atuando no ministério, aprendi a gostar. Hoje, ser filha de pastor é algo que tenho muito orgulho. Vejo que é uma missão que meu pai escolheu e que vai fazer diferença no futuro. É muito difícil ter essa profissão, não é fácil. Então, hoje em dia, eu gosto do ministério e de ser filha de pastor. (Raíssa)

Essa transformação de perspectiva evidenciada por Raíssa reforça a complexidade emocional e a resignificação que podem ocorrer ao longo da vivência como filho ou filha de pastor. Enquanto alguns, como Raíssa, desenvolvem orgulho e uma conexão mais profunda com o ministério pastoral, outros relatam conflitos ou ressentimentos devido às exigências impostas pela comunidade. Estanislau destaca que diversas famílias de pastores acabam se revoltando e deixando o ministério, delegando a missão exclusivamente para aquele ou aquela que decidiu exercer a vocação pastoral. Em contrapartida, há casos opostos, em que as famílias se unem em torno do chamado pastoral, funcionando como uma base sólida de suporte mútuo e participação ativa.²¹⁴

Uma das questões centrais relatadas pelos adolescentes entrevistados é a pressão social e as expectativas excessivas quanto ao comportamento deles e delas. Em vez de serem vistas como pessoas reais, com suas particularidades, desejos e necessidades, esses adolescentes são muitas vezes idealizados.²¹⁵

²¹³ VALIM; BUHR, 2019, p. 73.

²¹⁴ ESTANISLAU, 2015, p. 44.

²¹⁵ ESTANISLAU, 2015, p. 55.

Eu acho que é muito bom ser filha de pastor. Isso te dá uma força maior do que você tem. Mas é como qualquer outro ser humano. Você tá sempre sendo julgada, sempre sendo observada. Eu e a minha mãe, a gente tem um combinado, a gente nunca fala nada quando começa a discutir alguma coisa. Porque qualquer coisa que a gente fala, a gente pode falar assim, a filha do pastor falou assim, a mulher do pastor falou assim... (Stella)

Às vezes, as pessoas esperam muito da gente. Por exemplo, se eu canto ou faço alguma coisa, sempre há uma expectativa muito alta. E tem aquela ideia de que você não pode errar, porque as pessoas pensam: "Nossa, mas é filha de pastor e está fazendo isso?" Isso me bloqueia de ser eu mesma. Tenho que pensar: "Se eu fizer isso, vão entender ou interpretar de outra maneira?" Fica essa coisa de ter que ser mais dentro de um molde. (Raíssa)

Sei lá, pra mim, eu sou normal, assim, como os outros. Não vou me achar por ser filho de pastor, sabe? Não, assim, eu sou de boa. A única coisa que acontece é quando faço alguma piada. Aí, tipo, o pessoal fala: "Uuxa, olha a piada que cê fez, você não era filho de pastor?" Às vezes eles falam isso. Aí, já fica na mente: "nossa, mano, eu vacilei. Não podia ter feito. (Guilherme)

Uma vez fui convidado pra dançar numa festa de 15 anos com uma menina, por ser filho de pastor, eu não sei dançar. Mas a questão é que tenho uma imagem a zelar, então tive que recusar, mas eu não queria muito. Outros adolescentes que são da minha igreja e que curtem mais essas coisas talvez dançariam, dependendo se não tivessem essa imagem para manter. (Emanuel)

Essa vigilância constante sobre o comportamento dos filhos e das filhas de pastores é vivenciada em diferentes contextos sociais, desde a escola até as interações cotidianas na igreja. Como Guilherme e outros relatam, há um peso em zelar pela reputação, frequentemente em detrimento de expressar suas próprias personalidades. Essa pressão, aliada à constante observação, molda não apenas as atitudes, mas também os relacionamentos desses jovens com suas comunidades e consigo mesmos. Emanuel apresenta algumas vantagens que percebe em ser filho ou filha de pastor:

Acho que ser filho de pastor faz com que você se torne sociável. Você vê seus pais fazendo amizades com os irmãos da igreja e você acaba adquirindo isso dos seus pais. Quando você encontra uma pessoa da sua idade você acaba se tornando amigável... Outra coisa bem legal de ser filho de pastor é que a gente tem uns eventos só pra gente e é legal é legal porque você sabe que não é o único passando por certas dificuldades, porque você sabe que existem outros filhos de pastores. E nisso, quase não tem um filho de pastor que não gosta do outro. A maioria são todos amigos, não importa se um é lá da Bahia, outro é do Paraná, outro lado do Brasil. Se um dia eles se encontram, eles vão virar amigos. É uma coisa bem legal que eu gosto. (Emanuel)

No entanto, a percepção e vivência de Stella em sua comunidade apresentam nuances diferentes. Assim como Emanuel, ela se percebe sociável, mas sente dificuldades em aprofundar os vínculos:

Eu não tenho tanta proximidade com o pessoal da igreja, é aquele momento no culto, todo mundo conversa, eu gosto de todo mundo, mas assim, não é aquela coisa que alguém vai chegar e falar assim, nossa, tô vendo que você tá bem mal hoje, você quer conversar? Isso nunca aconteceu comigo, então, eu acho que falta um pouco da empatia dos outros. (Stella)

A fala de Stella reforça o que Nancy menciona, comparando a família do pastor a manequins nas vitrines: em permanente exposição, sujeita ao julgamento do público, que pode admirar, criticar ou simplesmente ignorar.²¹⁶ Esse distanciamento emocional e a falta de empatia mencionados por Stella apontam para a necessidade de maior acolhimento dentro das comunidades religiosas, especialmente considerando as pressões que recaem sobre os filhos e as filhas de pastores.

Raíssa, por sua vez, evidencia uma outra camada de complexidade na relação entre pais pastores e seus filhos e suas filhas:

Quando vejo meus amigos, muitos filhos de pastor, penso que nossos pais deveriam dar mais atenção pra gente. Às vezes, parece que cuidam de todo mundo na igreja, mas não têm tempo para nós em casa. Tem filho de pastor que passa semanas sem falar com o pai. Gostaríamos de mais atenção, mas raramente tomamos a iniciativa, temos receio de fazer isso. Não queremos parecer infantis, mas precisamos que nossos pais venham até nós, demonstrem carinho e sejam abertos. Queremos que nossos pais digam que estão com saudades, mas não vamos pedir. Acho que para os meninos, é ainda mais difícil. (Raíssa)

Esse relato dialoga diretamente com o alerta de Ribeiro de que muitas famílias atuais, em meio a contextos culturais e socioeconômicos desafiadores, acabam sobrecarregadas por necessidades de sobrevivência e demandas externas, negligenciando os relacionamentos e a qualidade dos vínculos familiares.²¹⁷ Infelizmente, as famílias pastorais não estão isentas desse problema, mas essa deve ser uma luta constante.

Diante disso, é indispensável que as famílias definam o que é prioritário e determinem a relevância que se deseja atribuir à convivência familiar, lembrando que é o amparo afetivo que permitirá que os membros da família percebam que são valorizados, estimados e reconhecidos como únicos. É por meio de um vínculo afetivo estável que pais e filhos terão os recursos necessários para manejar as demandas do cotidiano de maneira assertiva.²¹⁸ Como Raíssa aponta, os filhos e as filhas de pastores não querem apenas ser reconhecidos como parte do ministério, mas também

²¹⁶ TORRES, 2009, p. 99.

²¹⁷ RIBEIRO, 2020, p. 97.

²¹⁸ RIBEIRO, 2020, p. 98.

como adolescentes com necessidades emocionais próprias, que buscam carinho, compreensão e presença de seus pais e suas mães.

5 CONCLUSÃO

Com base na amostra de filhos e filhas de pastores analisada, foi viável tecer algumas reflexões, destacando que não se pretende generalizar os resultados aqui apresentados, mas sim considerá-los como pertencentes ao grupo específico participante. O objetivo geral da pesquisa foi explorar as interseções entre adolescência, religiosidade e o contexto eclesiástico na experiência de filhos e filhas de pastores, e, por meio da revisão bibliográfica e das entrevistas, foi possível alcançá-lo.

Estudar a vivência destes adolescentes permitiu o entendimento de diversas questões vivenciadas por este grupo no cotidiano. Quanto ao objetivo específico de analisar como adolescentes das famílias pastorais avaliam suas práticas religiosas, esse grupo demonstrou perceber suas práticas religiosas como uma experiência que fortalece os laços familiares, promove o bem-estar espiritual e oferece direcionamento em meio aos desafios da adolescência. Apesar disso, mencionam também as dificuldades impostas pela rotina pastoral, como a falta de tempo para atividades devocionais conjuntas.

Referente ao segundo objetivo específico, que foi analisar se os filhos e as filhas de pastores enxergam desafios e privilégios de pertencer à família pastoral, foi perceptível que essa posição social é percebida de forma ambivalente pelo grupo entrevistado. Alguns reconhecem que possuem maior facilidade para compreender questões religiosas, outros mencionam o privilégio de poder fazer perguntas e receber respostas profundas de seus pais e também o acesso aos materiais que os pais têm em casa.

Além disso, segundo as pessoas entrevistadas, ser filho ou filha de pastor auxilia no desenvolvimento de habilidades sociais, sendo assim, eles e elas possuem reconhecimento na congregação e certo status social. Quanto aos desafios, quase todas as pessoas participantes mencionaram as expectativas sociais e o julgamento constante, visto que estão sempre sob observação e cobrança por qualquer pessoa que saiba que eles ou elas são de famílias pastorais. São cobrados para serem exemplos de comportamento, o que torna difícil para expressarem suas personalidades e cometerem erros comuns sem que isso seja comentado. Outros

desafios mencionados foram as altas demandas do trabalho do pai e da mãe, e o quanto é difícil conciliar a rotina ministerial com a vida familiar, e também as mudanças frequentes de localização.

A alta exigência frequentemente está atrelada a sentimentos de medo, ansiedade, inadequação e preocupação. Porém, quando existe a compreensão de que cada pessoa é única e não está isenta de erros, o senso de pertencimento ao chamado pastoral nestes filhos e filhas pode lhes dar um forte sentido de vida e propósito. As exigências podem vir da comunidade religiosa, mas também podem vir dos próprios familiares.

Ao serem questionados sobre a quem recorrem em busca de conforto e orientação religiosa, visando responder ao último objetivo específico, que era analisar suas maiores influências, apenas uma pessoa não indicou a própria família como principal referência. Observou-se que a vivência religiosa é um fenômeno intrinsecamente ligado às relações interpessoais e às dinâmicas cotidianas das pessoas adolescentes. Foi perceptível que pais e mães permanecem como figuras centrais de apoio espiritual, mesmo nessa fase de busca por autonomia. Foi demonstrado que os filhos e as filhas não esperam do pai e da mãe a perfeição, mas desejam autenticidade.

Na adolescência, acontece a busca pela aceitação para além do grupo familiar, ou seja, sentem a necessidade de serem aceitos pelos amigos e pares, mas isso não isenta a necessidade de aceitação por parte da família. Os valores familiares ainda têm muita influência na vida deles e delas, visto que ainda são dependentes em diversos aspectos. Para que alcancem a independência possível para a adolescência, uma boa comunicação, em que pais e filhos podem expressar suas opiniões e alcançar acordos flexíveis, é crucial. Com o ganho de autonomia, é comum que novos desafios no relacionamento surjam, assim como em todos os relacionamentos que estão constantemente se transformando. As pessoas adultas devem ser referências seguras e o relacionamento deve se basear na percepção do momento atual, lembrando quem a pessoa adolescente é no momento.

Frequentemente, a adolescência é vista como um problema no qual os adultos precisam resolver, mas isso não é verdadeiro. Além disso, a maioria dos adolescentes administra de maneira satisfatória as exigências e transformações inerentes a essa etapa de desenvolvimento. A religiosidade desempenha um papel significativo no

enfrentamento dos desafios próprios da adolescência, atuando inclusive para minimizar contextos de tensão característicos desse período de transição. Além disso, o bem-estar subjetivo associado à prática religiosa é explicado por diversos fatores, como o suporte social proporcionado, a oferta de direção e sentido à vida, e o fortalecimento dos laços familiares.

Apesar das pressões e cobranças que as famílias pastorais enfrentam, é necessário equilíbrio e que as decisões familiares não sejam governadas por expectativas alheias, visto que, quando a aparência se torna mais importante do que a realidade, a família pode esconder suas lutas reais, deixando de buscar ajuda para problemas que surgem inevitavelmente. Essa abordagem cria um ambiente de superficialidade e desconexão, tanto no lar quanto na igreja. É necessário lembrar que, assim como não existem pessoas perfeitas, não existem e não existirão famílias perfeitas, mas o lar saudável pode refletir o poder transformador do evangelho e fortalecer o testemunho, contribuindo para a eficácia do ministério.

Espera-se que este trabalho tenha contribuído para estimular novas investigações e/ou iniciativas que ampliem o entendimento acerca do tema. Para isso, sugere-se que outras pesquisas sejam conduzidas, visando à construção de novos saberes que possam apoiar intervenções de profissionais da área de psicologia, aconselhamento, pastoral e educacional, com o intuito de aprimorar o vínculo entre pais e filhos, a religiosidade dos adolescentes e o bem-estar dos filhos e das filhas de pastores.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Inez Silva de; RODRIGUES, Benedita Maria Rêgo Deusdará; SIMÕES, Sonia Mara Faria. O adolescer... um vir a ser. **Adolesc. Saúde**, v. 4, n. 3, p. 24-28, 2007.

ALMEIDA, J. S. de. Percursos do adolescer – da (in)compreensão sobre o (in)pensável. **Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente**, Lisboa, v. 10, n. 2, p. 249–279, 2020. Disponível em: <https://revistas.lis.ulusiada.pt/index.php/rpca/article/view/2784>. Acesso em: 20 jan. 2025.

ALVARENGA, Patrícia Alvarenga; WEBER, Lidia Natalia Dobrianskyj; BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini. Cuidados parentais e desenvolvimento socioemocional na infância e na adolescência: uma perspectiva analítico-comportamental. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 18, n. 1, p. 4-21, 2016.

HERBES, Nilton Eliseu; AVILA, Mirian de Jesus. Psicologia e Religião: um encontro inevitável. **Revista Pistis & Praxis**. Curitiba, v. 12, n. 1, p. 143-162, jan./abr. 2020

ARRAIS, Jonas; ARRAIS, Raquel. **Alegrias e desafios da família pastoral**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2019.

AZEVEDO, Israel Belo de. **O mito da família perfeita**. São Paulo: Hagnos, 2010.

BARROSO, João. Integração e Competências para uma nova visão de gestão. In FIGUEIREDO, Hermes et al. **Liderança e Educação: Formação de líderes na dinâmica do ensino superior/organização de Fábio Garcia dos Reis**. São Paulo: editora de Cultura, 2012. p. 55-59.

BRASIL, Constituição, 1988. **Brasília**: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011. 103p. Serie texto básico, n. 61.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/julho/trinta-e-um-anos-do-estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-confira-as-novas-acoes-para-fortalecer-o-eca/ECA2021>. Acesso em: 20 jan. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Marco legal: saúde, um direito de adolescentes**. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007

BRUNO, Lúcia. Poder administrativo no capitalismo contemporâneo. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade (Org.). **Gestão Democrática da Educação**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 15-45.

BUENO, Cheila de Oliveira; STRELHOW, Miriam Raquel Wachholz; CÂMARA, Sheila Gonçalves. Inserção em grupos formais e qualidade de vida entre adolescentes. **Psico-USF**, v. 15, p. 311-320, 2010.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. 2ª ed. São Paulo: Publifolha, 2009.

CAMBOIM, Aurora; RIQUE, Julio. Religiosidade e espiritualidade de adolescentes e jovens adultos. **Revista Brasileira de História das Religiões, ANPUH**, ano III, n. 7, mai. 2010. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao>. Acesso em: 20 jan. 2025.

CAMPOS, Geison Fernando Vendramini de Araújo. **Adolescência: de que crise estamos falando?**. 2006. 178 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

CICCHETTI, Dante; ROGOSCH, Fred A. A developmental psychopathology perspective on adolescence. **Journal of consulting and clinical psychology**, v. 70, n. 1, p. 6–20, 2002.

COLEMAN, Daniel; HUSÉN, Torsten. **Tornar-se Adulto numa sociedade em Mutação**. Porto: Edições Afrontamento, 1990.

COSTA, Jorge Adelino. **Imagens Organizacionais da Escola**. Lisboa: Edições Asa, 1996.

CRESTANI, Irmão Alfredo. **Adolescência: tentando compreender o que é difícil entender**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

CROFT, Brian; CROFT, Cara. **The Pastor's Family: Shepherding Your Family Through the Challenges of Pastoral Ministry**. Zondervan, 2013.

DAMOUR, Lisa. **The Emotional Lives of Teenagers: Raising Connected, Capable, and Compassionate Adolescents**. Nova Iorque: Ballantine Books, 2024.

DAMOUR, Lisa. **Under pressure: Confronting the epidemic of stress and anxiety in girls**. Nova Iorque: Ballantine Books, 2020.

DAMOUR, Lisa. **Untangled: Guiding teenage girls through the seven transitions into adulthood**. Ballantine Books, 2017.

DAUNIS, Roberto. **Jovens: Desenvolvimento e identidade – Troca de perspectiva na psicologia da educação**. São Leopoldo: Sinodal, 2000.

ESTANISLAU, Milca Letícia de Souza. **Família pastoral: conflitos e caminhos entre a vocação pastoral na dimensão individual e familiar**. 2015. 178 p. Monografia (Especialização em Terapia Familiar e de Casal: Intervenções Sistêmicas em Diferentes Contextos: Psicoterapia e Orientação) - Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015

FECURY, Amanda Alves et al. A prática da religiosidade como fator determinante para uma vida saudável: o caráter religioso como mantenedor da saúde física e mental. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, ano 5, ed. 3, v. 7, p. 69-79, mar. 2020. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/saude/pratica-da-religiosidade>. Acesso em: 20 jan. 2025.

FORTALECIMENTO dos laços familiares: o poder do culto familiar diário. **Adventist Research**, 8 maio 2024. Disponível em: <https://www.adventistresearch.info/pt-br/strengthening-family-bonds-the-power-of-regular-family-worship/>. Acesso em: 20 jan. 2025.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se contemplam. 42 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Editora Atlas SA, 2021.

GUILHARDI, H. J. Auto-estima, autoconfiança e responsabilidade. In: BRANDÃO, M. Z. S.; CONTE, F. C. S.; MEZZAROBÀ, S. M. B. (Orgs.). **Comportamento Humano**: tudo (ou quase tudo) que você gostaria de saber para viver melhor. Santo André: ESETec Editores Associados, 2002. p. 63-98.

GUIRAL, Elaine Cristina Vilioni de Souza. **As experiências e os significados da fé e religiosidade para adolescentes em conflito com a lei**. 2017. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

HAIDT, J.; RAUSCH, Z.; TWENGE, J. **Social media and mental health**: A collaborative review. New York University, [manuscrito não publicado]. Disponível em: <https://tinyurl.com/SocialMediaMentalHealthReview>. Acesso em: 20 jan. 2025.

HAYES, Louise, L.; CIARROCHI, Joseph. **The Thriving Adolescent**. California: Context Press, 2015.

KNOBEL, Maurício; ABERASTURY, Arminda. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. 10. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed, Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LÍRIO, Luciano de Carvalho. A construção histórica da adolescência. In: **Anais do Congresso Internacional das Faculdades EST**, 2012. p. 1675-1688.

LOTUFO NETO, Francisco; LOTUFO JR, Zenon; MARTINS, José Cássio. **Influências da religião sobre a saúde mental**. Santo André: ESETec, 2003.

MACEDO, Rosa Maria Stefanini de; MACEDO, Teresinha Elisete Coiahy Rocha de (org.), **Com-vivendo com a adolescência nos dias atuais**. Curitiba: CRV, 2021.

MARTINS, Maria da Conceição de Almeida. Factores de risco psicossociais para a saúde mental. **Revista Millenium**, n. 29, p. 255-268, jun. de 2004.

MARTINS, Priscilla de Oliveira; TRINDADE, Zeidi Araújo; ALMEIDA, Ângela Maria de Oliveira. O ter e o ser: representações sociais da adolescência entre

adolescentes de inserção urbana e rural. **Psicologia: Reflexão e crítica**, Porto Alegre, v. 16, p. 555-568, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec Editora Ltda, 2014.

MIRANDA, Ana Maria Vieira. **Fé enquanto busca do sentido da vida na adolescência**: perspectiva psicológica. 2003. Tese (Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2003.

MOREIRA, Helem Priscila Alves Santos. **Filhos de pastor**: revoltas e triunfos. Brasília: da autora, 2018.

NAKANO, Érika Feltrin Marques. **Burnout, representação social e discurso do sujeito coletivo em pastoras e pastores**. 2017. 80 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002844769>. Acesso em: 20 jan. 2025.

NOGUEIRA, Kliciane da Silva Oliveira. **A escrita e o adolescer**: sobre o infamiliar na obra "a vida mentirosa dos adultos" de Elena Ferrante. 2023. 80 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2023.

ONA, Patricia E. Zurita. **Parenting a troubled teen**: Manage conflict and deal with intense emotions using Acceptance and Commitment Therapy. Oakland: New Harbinger Publications, 2017.

OUTEIRAL, José; MOURA, Luiza; DOS SANTOS, Stela Marys Vieira. (Orgs). **Adulterar**: a dor e o prazer de tornar-se adulto. Rio de Janeiro: Revinter, 2008.

PAIVA, Geraldo José de. **Psicologia da religião**: uma introdução. São Paulo: Edusp, 2022.

PUNTEL, Clairton; ADAM, Júlio César. Mindfulness e Espiritualidade como Estratégica de Enfrentamento em Situações de Crise. **Estudos Teológicos**, v. 61, n. 1, p. 239-255, 2021.

RANGINHA, Carmen Silvia Vasques. **Compreendendo os significados das expectativas familiares para jovens filhos de pastores da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. Monografia de Especialização em Terapia Familiar e de Casal: Intervenções Sistêmicas em Diferentes Contextos: Psicoterapia e Orientação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

RIBEIRO, Lecimar Quintal de Sousa. **Cognição social**: percepção do suporte familiar na perspectiva da adolescência. 2020. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2020.

ROSSETO, M. L. R. et al. Escolha profissional e adolescência: velhas questões, novas reflexões. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 3, p. 1, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/26907>. Acesso em: 20 jan. 2025.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. Adolescência através dos séculos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, p. 227-234, 2010.

SIEGEL, Daniel. **Cérebro do Adolescente**: O grande potencial, a coragem e a criatividade da mente dos 12 aos 24 anos. São Paulo: NVersos, 2021.

SOUSA, Andrea Nara Lopes Henriques de. **Gratidão em adolescentes universitários**: um estudo correlacionado pautado na psicologia positiva. 2017. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdades EST, São Leopoldo, 2017.

STREIB, Heinz. A faith development perspective on fundamentalism. In: **Meeting of the Society for the Scientific Study of Religion in Salt Lake City**. 2002.

TAUNAY, T. C. D. et al. Validação da versão brasileira da escala de religiosidade de Duke (DUREL). **Rev Psiq Clín**, v. 39, n. 4, p. 130-135, 2012.

TILLICH, Paul. **Teologia da cultura**. São Paulo: Fonte editorial, 2009.

TORRES, Tânia M. Lopes. **Agridoce**: a vida da esposa de pastor. Belo Horizonte: Edição do Autor, 2009.

TROTMAN, Gloria Lindsey. **Ao lado dela**: Como o pastor pode apoiar a sua esposa. São Paulo: União Central Brasileira, 2012.

VALIM, Cinara Costa de Souza; BUHR, João Rainer. Uma análise dos desafios das famílias envolvidas no ministério pastoral. Curitiba, **Revista Cógico**, v. 1:2, 2019.

VARELLA, Drauzio. Abandono é a principal diferença entre mulheres e homens na cadeia. **G1 São Paulo**, 12 jul. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/abandono-e-a-principal-diferenca-entre-mulheres-e-homens-na-cadeia-diz-drauzio-varella.ghtml>. Acesso em: 20 jan. 2025.

WHITE, Ellen G. **Educação**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

WHITE, Ellen G. **Ministério pastoral**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

WHITE, Ellen G. **Ministério Pastoral**: conselho aos pastores adventistas. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015.

WHITE, Ellen G. **Orientação da criança**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1996.

WHITE, Ellen G. **Testemunhos para a igreja**. Vol. 4. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WONDRACEK, Karin H. K. (org.) et al. **Perdão**: onde saúde e espiritualidade se encontram. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2019.

ZANGARI, Wellington; MACHADO, Fátima Regina. **Fundamentos da psicologia da religião**: aspectos individuais e psicossociais - Coleção: Fundamentos de Psicologia Social. Curitiba: Editora CRV, 2023.

ANEXOS

PERGUNTAS GUIA PARA A ENTREVISTA

1. Como você enxerga Deus e como Ele influencia a sua vida cotidiana?
2. Quais são os principais desafios da adolescência para você? Diga especialmente sobre aqueles relacionados à sua vida religiosa.
3. Quais práticas religiosas você e sua família adotam? Como você as avalia?
4. Como é ser filho de um pastor? Isso afeta seus relacionamentos ou decisões?
5. Como é o seu relacionamento com seus pais? Você se sente influenciado(a) pelas práticas religiosas deles?
6. Você acredita que o ambiente em que você está inserido(a) oferece apoio ou resistência à sua religiosidade? Poderia me explicar um pouquinho mais sobre isso?
7. Onde ou em quem você busca conforto ou orientação religiosa quando enfrenta dificuldades?
8. Em que local você tem os seus melhores amigos? Vocês compartilham experiências e discussões religiosas?
9. Como as mídias sociais e a tecnologia afetam suas escolhas espirituais e sua conexão com a religião?
10. Como você vê o futuro em relação à sua prática religiosa? Pretende seguir as mesmas tradições e crenças de sua família?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTUDO: O ADOLESCER NA VIDA RELIGIOSA DAS FAMÍLIAS PASTORAIS

Seu/Sua filho/a está sendo convidado a participar desta pesquisa. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Leia atentamente. Caso tenha dúvidas, teremos prazer em esclarecê-las. Se concordar, o documento deverá ser assinado e só então daremos início ao estudo. Sua colaboração será muito importante para nós. Mas, se quiser desistir a qualquer momento, isto não causará nenhum prejuízo, nem a você, nem a seu/sua filho/a. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466/2012 – item IV do Conselho Nacional de Saúde.

Eu _____, RG
 _____, concordo de livre e espontânea vontade que
 _____ nascido/a em ____ / ____
 / _____, CPF: _____ seja participante do estudo “O adolescer na vida religiosa das famílias pastorais”. O estudo é importante para investigar em que medida o tornar-se adolescente influencia na vida religiosa de filhos e filhas de pastores.

- I. O estudo é importante para avaliarmos se os adolescentes filhos de pastores enxergam o seu adolescer de uma maneira diferente do adolescer dos demais; analisar quais são as maiores influências na religiosidade destes adolescentes e explorar qual é a imagem de Deus que estes adolescentes têm.
- II. As famílias pastorais possuem diversas peculiaridades e este estudo contribuirá ao proporcionar uma visão aprofundada dessas dinâmicas familiares sob a perspectiva do adolescente. Academicamente, esta pesquisa contribuirá ao relacionar adolescência e religião, enriquecendo o campo de estudo. Além disso, oferecerá oportunidades de reflexão para pais e líderes religiosos que trabalham nessa área, ajudando-os a compreender melhor as necessidades e preocupações deste público, para que estes tenham uma religiosidade saudável. A religiosidade saudável promove bem-estar para os adolescentes e com isso, a sociedade é beneficiada.
- III. Critério de inclusão

- a. Serão escolhidos entre 10 e 15 adolescentes de 14 a 17 anos, filhos e filhas de pastores das seguintes denominações cristãs: 2 presbiterianos, 2 metodistas, 2 da Igreja Encontro de Fé, 2 da Igreja Cristã Evangélica do Brasil, 1 da igreja Cristo é a Vitória, 3 luteranos e 3 adventistas do sétimo dia.
 - b. Todos os participantes deverão dar o consentimento para participar da pesquisa e ter a autorização do responsável legal.
 - c. Em caso de haver a indicação de mais participantes do que o necessário, será escolhido o adolescente mais velho entre estes, estando ainda no corte de idade da pesquisa.
- IV. Será realizada uma entrevista individual e online, através da plataforma Google Meet.
- V. Esta pesquisa está assegurada com proteção contra riscos (Resolução 466 – IV.3.b e Resolução 510/16, Art. 3o.) garantido pelo Comitê de Ética em Pesquisa das Faculdades EST.
- a. O material de pesquisa será armazenado por cinco anos com senhas de segurança sob responsabilidade da pesquisadora, mas é necessário estar ciente da possibilidade de divulgação confidenciais por meio de vazamento de dados ilegais, presente em todas as pesquisas.
 - b. Todos os cuidados serão tomados para garantir a confidencialidade e o anonimato dos participantes da pesquisa.
 - c. A entrevista será agendada com antecedência e o entrevistado deverá estar em um ambiente seguro e tranquilo, assegurando o sigilo do encontro.
 - d. Serão utilizadas perguntas semiestruturadas, que fornecerão uma base de tópicos a serem abordados, mas permitindo a livre expressão durante o encontro.
 - e. Serão respeitados os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes.
 - f. O projeto apresenta eventuais riscos psicológicos para os participantes, visto que as perguntas podem evocar lembranças desagradáveis devido à natureza delicada do tópico, porém caso isso aconteça, o participante pode não responder a pergunta caso sinta algum desconforto, apenas indicando que prefere não responder, sem a necessidade de justificção. A pesquisa não tem intenção de ferir princípios e valores das famílias participantes e sim de servir

como apoio para a compreensão e interpretação da religiosidade em adolescentes filhos e filhas de pastores.

- VI. Você ou seu/sua filho/a não receberão nada para participar deste estudo. A participação neste estudo não tem objetivo de tratamento e será sem custo algum para você.
- VII. Você/vocês tem a liberdade de desistir ou interromper a colaboração nesta pesquisa no momento em que desejar, sem necessidade de dar qualquer explicação. A desistência não lhe causará nenhum prejuízo, nem a seu/sua filho(a).
- VIII. Todas as informações deste estudo são confidenciais. Seu/s nome/s e de seu filho(a) ou qualquer dado que possam identificá-los não serão publicados na divulgação dos resultados. Apenas a pesquisadora e a orientadora poderão ter acesso aos seus registros. Esse acesso será utilizado para realizar, acompanhar a pesquisa e analisar os dados obtidos. As normas brasileiras que o protegem serão respeitadas;
- IX. Em caso de interrupção da pesquisa (caso seja solicitado pelo Comitê de Ética ou caso a pesquisadora perceba algum risco, ou dano à saúde do participante, ou da própria, não previsto no termo de consentimento) o participante receberá a assistência que for adequada.
- X. Ao final do projeto (entre o dia 01/12/2024 à 28/02/2024) você receberá um e-mail com os resultados e devolutiva da pesquisa.
- XI. Poderá contatar a pesquisadora responsável pelo projeto, Mariana Pacheco Moraes Nascimento através do e-mail: maripsi@outlook.com.br para recursos ou reclamações em relação ao presente estudo. Outra possibilidade é o contato com o CONEP ou CEP.
 - a. CONEP: A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP- é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, criada através da Resolução 196/96 e com constituição designada pela Resolução 246/97, com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho. Fone: (61) 3315-5877, e-mail: conep@saude.gov.br.
 - b. CEP: O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado interdisciplinar e independente, com “munus público”, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no

desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Membro do CEP da EST: Walmor Ari Kanitz (51) 21111482 - E-mail: cep@est.edu.br.

- XII. O responsável legal pelo adolescente deverá rubricar todas as folhas deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE - e enviá-lo para a pesquisadora.

Acredito ter sido suficientemente informado/a a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim sobre o estudo “O adolescer na vida religiosa das famílias pastorais”. Eu discuti com a pesquisadora responsável e está claro para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, quais são seus desconfortos, riscos e a garantia de confidencialidade dos meus dados e do meu/minha filho/a. Entendo que sempre que eu tiver dúvidas elas serão esclarecidas e que minha participação é isenta de despesas.

Concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício adquirido. Eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa.

Local e data: _____

Assinatura do(a) responsável: _____

Local e data: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

TERMO DE ASSENTIMENTO DO(A) MENOR DE IDADE EM PARTICIPAR COMO VOLUNTÁRIO(A)

Você foi convidado para participar voluntariamente da pesquisa “O adolescer na vida religiosa das famílias pastorais”. Segue algumas informações para que você entenda um pouco mais desta pesquisa:

- I. O estudo é importante para avaliarmos se os adolescentes filhos de pastores enxergam o seu adolescer de uma maneira diferente do adolescer dos demais; analisar quais são as maiores influências na religiosidade destes adolescentes e explorar qual é a imagem de Deus que estes adolescentes têm.
- II. As famílias pastorais possuem diversas peculiaridades e este estudo contribuirá ao proporcionar uma visão aprofundada dessas dinâmicas familiares sob a perspectiva do adolescente. Academicamente, esta pesquisa contribuirá ao relacionar adolescência e religião, enriquecendo o campo de estudo. Além disso, oferecerá oportunidades de reflexão para pais e líderes religiosos que trabalham nessa área, ajudando-os a compreender melhor as necessidades e preocupações deste público, para que estes tenham uma religiosidade saudável. A religiosidade saudável promove bem-estar para os adolescentes e com isso, a sociedade é beneficiada.
- III. Critério de inclusão
 - a. Serão escolhidos entre 10 e 15 adolescentes de 14 a 17 anos, filhos e filhas de pastores das seguintes denominações cristãs: 2 presbiterianos, 2 metodistas, 2 da Igreja Encontro de Fé, 2 da Igreja Cristã Evangélica do Brasil, 1 da igreja Cristo é a Vitória, 3 luteranos e 3 adventistas do sétimo dia.
 - b. Todos os participantes deverão dar o consentimento para participar da pesquisa e ter a autorização do responsável legal.
 - c. Em caso de haver a indicação de mais participantes do que o necessário, será escolhido o adolescente mais velho entre estes, estando ainda no corte de idade da pesquisa.
- IV. Será realizada uma entrevista individual e online, através da plataforma Google Meet.

- V. Esta pesquisa está assegurada com proteção contra riscos (Resolução 466 – IV.3.b e Resolução 510/16, Art. 3o.) garantido pelo Comitê de Ética em Pesquisa das Faculdades EST.
- a. O material de pesquisa será armazenado por cinco anos com senhas de segurança sob responsabilidade da pesquisadora, mas é necessário estar ciente da possibilidade de divulgação confidenciais por meio de vazamento de dados ilegais.
 - b. Todos os cuidados serão tomados para garantir a confidencialidade e o anonimato dos participantes da pesquisa.
 - c. A entrevista será agendada com antecedência e o entrevistado deverá estar em um ambiente seguro e tranquilo, assegurando o sigilo do encontro.
 - d. Serão utilizadas perguntas semiestruturadas, que fornecerão uma base de tópicos a serem abordados, mas permitindo a livre expressão durante o encontro.
 - e. Serão respeitados os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes.
 - f. O projeto apresenta eventuais riscos psicológicos para os participantes, visto que as perguntas podem evocar lembranças desagradáveis devido à natureza delicada do tópico, porém caso isso aconteça, o participante pode não responder a pergunta caso sinta algum desconforto, apenas indicando que prefere não responder, sem a necessidade de justificção. A pesquisa tomará um tempo médio de 1h30 de cada participante e não tem intenção de ferir princípios e valores das famílias participantes e sim de servir como apoio para a compreensão e interpretação da religiosidade em adolescentes filhos e filhas de pastores.
- VI. Você ou seu/sua filho/a não receberão nada para participar deste estudo. A participação neste estudo não tem objetivo de tratamento e será sem custo algum para você.
- VII. Você/vocês tem a liberdade de desistir ou interromper a colaboração nesta pesquisa no momento em que desejar, sem necessidade de dar qualquer explicação. A desistência não lhe causará nenhum prejuízo.
- VIII. Todas as informações deste estudo são confidenciais. Qualquer dado que possa identificar você não será publicado na divulgação dos resultados. Apenas a pesquisadora e a orientadora poderão ter acesso aos seus registros.

Esse acesso será utilizado para realizar, acompanhar a pesquisa e analisar os dados obtidos. As normas brasileiras que o protegem serão respeitadas;

- IX. Em caso de interrupção da pesquisa (caso seja solicitado pelo Comitê de Ética ou caso a pesquisadora perceba algum risco, ou dano à saúde do participante, ou da própria, não previsto no termo de consentimento) o participante receberá a assistência que for adequada.
- X. Ao final do projeto você receberá um e-mail com os resultados e devolutiva da pesquisa.
- XI. Poderá contatar a pesquisadora responsável pelo projeto, Mariana Pacheco Moraes Nascimento através do e-mail: maripsi@outlook.com.br para recursos ou reclamações em relação ao presente estudo. Outra possibilidade é o contato com o CONEP ou CEP.
- a. CONEP: A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP- é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, criada através da Resolução 196/96 e com constituição designada pela Resolução 246/97, com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho. Fone: (61) 3315-5877, e-mail: conep@saude.gov.br.
- b. CEP: O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) é um colegiado interdisciplinar e independente, com “munus público”, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Membro do CEP da EST: Walmor Ari Kanitz (51) 21111482 - E-mail: cep@est.edu.br.

Eu, _____, portador (a) do documento de (Identidade/CPF) _____ concordo em participar do estudo “O adolecer na vida religiosa das famílias pastorais” como voluntário (a). Fui informado (a) e esclarecido (a) pela pesquisadora sobre a pesquisa, o que vai ser feito, assim como os possíveis riscos e benefícios que podem acontecer com a minha participação. Foi-me garantido que posso desistir de participar a qualquer momento, sem que eu ou meus pais precise pagar nada.

Local e data: _____

Assinatura do(a) participante: _____

Local e data: _____

Assinatura da pesquisadora: _____